

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO - UPE
FACULDADE DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DE GARANHUNS - FACETG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM ENSINO DE HISTÓRIA

1948

**Uma nova abordagem da emancipação
política de Lajedo - PE.**

**Jaqueline Pereira de Mesquita
Moura Kleberson dos Santos**

Garanhuns - PE
2010

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE
FACULDADE DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA
DE GARANHUNS – FACETEG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU* EM
ENSINO DE HISTÓRIA**

**1948: UMA NOVA ABORDAGEM DA EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE LAJEDO – PE.**

**JAQUELINE PEREIRA DE MESQUITA
MOURA KLEBERSON DOS SANTOS**

**GARANHUNS – PE
2010**

**JAQUELINE PEREIRA DE MESQUITA
MOURA KLEBERSON DOS SANTOS**

**1948: UMA NOVA ABORDAGEM DA EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE LAJEDO – PE.**

**Monografia apresentada ao
curso de Pós-graduação em
Ensino de História ministrado
pela Universidade de
Pernambuco – UPE, em
cumprimento às exigências para
a conclusão de curso.**

Orientador: Prof. Esp. Josualdo de Meneses Silva

**GARANHUNS – PE
2010**

**JAQUELINE PEREIRA DE MESQUITA
MOURA KLEBERSON DOS SANTOS**

**1948: UMA NOVA ABORDAGEM DA EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE LAJEDO – PE.**

APROVADA EM ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador

Prof. Examinador

"Há os que se queixam do vento. Os que esperam que ele mude. E os que Procuram ajustar as velas."

(William G. Ward)

À meu marido Plínio e aos meus
filhos Paloma, Pedro, Lucas e Davi, DEDICO.

Jaqueline Pereira de Mesquita

Aos meus pais, Moura Aurino e Gildete Vilela e
à minha avó Irene Amaral, DEDICO.

Moura Kleberson dos Santos

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sempre se fazer presente em nossas vidas.

Ao professor Josualdo de Meneses Silva, nosso agradecimento especial pela orientação e apoio, os quais tornaram possível a realização deste trabalho e ainda pelos valiosos ensinamentos e colaboração constante dispensados a nós nesses anos, desde o início de nossa vida acadêmica até a pós-graduação.

Aos nossos amigos, Rossana, Sindelânia, Flávia, Cássia, Gelma e Aluisio pelo companheirismo e amizade sempre presentes em muitos momentos.

À Lígia Izarely (in, memorian), pela amizade e exemplo de vida.

Aos nossos entrevistados, nosso agradecimento, pela disponibilidade, pela atenção e acima de tudo pelas experiências e palavras que muito nos ajudaram a entender o objeto de estudo deste trabalho.

À Sra. Adolfina Pacheco e ao Sr. Waldir Cordeiro, nosso agradecimento pela dedicação e empenho de ambos na preservação de nossa história, através de seus arquivos pessoais.

Às nossas famílias, por sempre acreditarem em nosso potencial e por sempre estarem presentes em todos os momentos.

E a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

RESUMO

Desde a construção da primeira casa em 1852, a qual deu origem ao perímetro urbano atual, a cidade de Lajedo, localizada a 196 km de Recife, teve enormes transformações, tanto políticas como sócio-econômicas. Este trabalho procura mostrar uma nova leitura acerca da emancipação política da cidade, ocorrida no ano de 1948, buscando analisar a participação popular no processo emancipatório e analisando alguns discursos contidos na historiografia local que exaltam a figura do mito político da localidade em contraposição da exclusão de alguns nomes de participantes do processo emancipatório. Discutem-se ainda alguns conceitos de política, poder, mito político, memória e oralidade os quais, dão base teórica ao tema proposto.

Palavras-chave: Política, poder, mito político, memória, oralidade e história local.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| CAPÍTULO I | |
| 1. Metodologia do trabalho..... | 11 |
| CAPÍTULO II | |
| 2. Política: uma análise conceitual..... | 13 |
| 2.1 O poder e suas relações..... | 15 |
| 2.2 O mito político..... | 17 |
| CAPÍTULO III | |
| 3. História e sua relação com a memória..... | 21 |
| 3.1 História oral: a memória posta em questão..... | 23 |
| CAPÍTULO IV | |
| 4. A emancipação política da cidade de Lajedo – PE: uma conquista individual ou coletiva? | 25 |
| 4.1 A participação popular no desfecho do processo emancipatório de 1948..... | 27 |
| 4.2 A baraúna de Lajedo: a construção da figura mítica do chefe político local..... | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| REFERENCIAS..... | 41 |
| ANEXOS..... | 44 |

INTRODUÇÃO

Em 1948, Lajedo era um pequeno aglomerado de ruas sem calçamento, os grandes surtos de doenças levavam muitos moradores à morte e contava ainda com uma precária infra-estrutura. Contudo, pela rua principal ou quadro da rua como era chamada à época, existia um pouco de prosperidade e de modernidade, pois por ali passavam os ônibus que faziam a ligação entre Garanhuns e Recife, e por onde chegavam os jornais da capital, as notícias mais recentes do sul do país e também por onde chegaram muitos indivíduos que se radicaram na localidade. Pela rua principal já começava se desenvolver um pequeno comércio e uma feira semanal, os quais hoje são uma das principais fontes de renda e emprego da cidade.

Em se tratando da história da emancipação da cidade de Lajedo, muitos são os questionamentos que vem à mente, contudo, o mais intrigante e que não se deixa passar por despercebido, seria: a emancipação do município foi um jogo com regras ditadas por um indivíduo e seu grupo político instalado na capital do estado, ou realmente existia um sentimento emancipativo no seio da coletividade lajedense com condições para opinar sobre seu próprio futuro?

O tema abordado procura estudar as relações políticas que se deram diante dos fatos que precederam e sucederam a promulgação da Lei Estadual nº 377 de 24 de dezembro de 1948, a qual emancipou a cidade de Lajedo. Buscando ainda, analisar a participação popular e os motivos pelos quais, não se é dado maior ênfase a este fato na historiografia local. Em contraposição da predominância dos discursos que elevam o chefe político local a uma espécie de panteão de onde é cultuado como o único responsável pela emancipação da cidade. Pois, quando se comenta o processo de emancipação política de Lajedo, a primeira figura em destaque sem dúvida é a do chefe político local, sendo fácil a obtenção de textos e discursos que exaltam o seu papel na história do município. Sem dúvida alguma, o mesmo foi um dos colaboradores da construção desta parte da história recente local. Porém o que impera atualmente na cidade é a idéia de que ele foi o responsável por este feito. Excluindo assim, fatos históricos que evidenciam a participação popular neste processo. Esta pesquisa aborda um novo enfoque do processo emancipatório da cidade Lajedo – PE, buscando compreender como se deram os fatos da emancipação bem como algumas contradições

presentes em vários discursos e publicações. Sendo de caráter original e inédito, pois foi aliada a oralidade e a memória com uma discussão política.

Analisando a escassa bibliografia existente sobre o assunto, constata-se que a historiografia local impõe uma revisão da história, pois em muitos textos existe o culto a personalidade misturando-se mito e positivismo em torno de um indivíduo, e a história da cidade fica refém do herói, o qual tomou para si a história, para libertar o povoado da dependência político-administrativa da cidade de Canhotinho-PE, apagando assim a idéia de que possivelmente o sentimento de liberdade já era fato entre os lajedenses, coisa que os registros dão conta da participação popular no processo emancipatório da cidade.

CAPÍTULO I

1. METODOLOGIA DO TRABALHO

A presente pesquisa apesar de ser um estudo político centrado na história da emancipação da cidade de Lajedo – PE. Houve a necessidade de buscar na oralidade respostas para o problema em questão. Esta necessidade surgiu a partir da falta de documentos escritos e até mesmo de material bibliográfico pertinente.

Durante o decorrer da pesquisa uma questão chamou a atenção, qual seria a melhor hora de fazer as entrevistas? Esta questão foi muito discutida e debatida até que veio sua definição, tudo por que os possíveis entrevistados estariam em idade muito avançada, utilizou-se como critério às pessoas que de forma direta ou indireta foram contemporâneos ao evento em questão, a emancipação política de Lajedo. Que viveram no lugar durante a década de 40. Este ponto foi primordial para o avanço das entrevistas. Porém, quando no campo as primeiras barreiras previstas vieram à tona. A maioria dos entrevistados ou já tinham falecido ou estavam com a idade avançada o suficiente para comprometer o fortalecimento dos seus depoimentos.

Partindo da situação descrita, a tarefa de entrevistar sofreu uma nova orientação a de que seria satisfatório para a pesquisa entrevistar o único vereador vivo da primeira legislatura da câmara municipal; um escritor, poeta e antigo secretário da prefeitura e a viúva de um prestigiado comerciante da vila. Cada um destes depoentes franquearam esclarecimentos que nenhuma publicação ou documentos poderia dar. É louvável ressaltar uma das principais características do depoimento oral; a proximidade e interação do pesquisador com sua fonte.

Infelizmente, não se pôde colher o depoimento do único vereador vivo da primeira legislatura, pois, sua saúde debilitada e sua idade avançada impossibilitaram tal ação. No caso do escritor, poeta e antigo secretário da prefeitura, através de uma solicitação dele, seu depoimento foi colhido mediante um questionário escrito, o qual se encontra em anexo. O depoimento da viúva de um prestigiado comerciante da vila foi colhido mediante uma entrevista, que também se encontra em anexo. Quando foi feita a delimitação dos entrevistados e optou-se por essas três pessoas, por um fato foi primordial, Lajedo sempre recebeu pessoas de diversas localidades, apesar da população lajedense ser formada por uma significativa parcela de idosos, muitos desses idosos são

provenientes de outras localidades, não presenciando os fatos em análise. Motivo este que levou a escolha dessas três pessoas. Pois, duas delas são nascidos na cidade e uma já morava na cidade durante os acontecimentos estudados.

A pesquisa bibliográfica foi satisfatória, pois os títulos que abordam a política, a memória e a oralidade, são enumeráveis. Optou-se pelos autores clássicos destas três áreas, sendo que para a política utilizou-se: Raymundo Faoro, com: Os donos do poder; Victor Leal Nunes, com: Coronelismo, enxada e voto; Walter Benjamin, com: Obras escolhidas, vol. 1. Magia e técnica, arte e política; Michel Foucault, com: Microfísica do poder; Gérard Lebrun, com: O que é poder; Wolfgang Leo Maar, com: O que é política e Luis Felipe Miguel, com: Em torno do conceito de mito político. Para a parte de memória e oralidade utilizou-se: Ecléa Bosi, com: Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos e Antonio Torres Montenegro, com: História oral e memória: a cultura popular revisitada.

Em se tratando da bibliografia dedicada à história do município, existem apenas três títulos: José Paulo Barbosa, com: Álbum Histórico de Lajedo; Antonio de Oliveira e Silva, com: Lembranças da Primavera: Memórias e Antônio Vilaça, com: Livro de memória. Utilizou-se ainda de periódicos, jornais, manuscritos e cópias de documentos oficiais da Assembléia Legislativa de Pernambuco. Que aliados as entrevistas, deram base teórica a este trabalho.

CAPÍTULO II

2. Política: uma análise conceitual

[...], a atividade política tem uma função pedagógica, de transformação dos homens em cidadãos [...](MAAR, 2004:31)

Pensar conceitualmente a política não é tarefa fácil, pois a mesma desempenha várias facetas em diferentes fases da história. Pode-se afirmar, no entanto, que a política é um fator social que se encontra em constante movimento e transformação. A política trona-se o camaleão da sociedade, pois ela tem a capacidade de se transformar a partir das necessidades vigentes, a cada sociedade ela se apresenta de diversas formas, cores e sentimentos. Enquanto no Brasil a democracia e a liberdade política, ou seja, a liberdade de opinar e até discordar do Estado são uma realidade presente, em diversos países da Ásia, sobretudo na China, o governo se utiliza da política para coagir e controlar a sociedade através de um governo ditatorial. São, no entanto, dois lados totalmente distintos de um incontável número de facetas que a política pode se apresentar dentro de uma sociedade.

A política é um instrumento de poder e um meio de se conquistar e permanecer no poder, a questão do poder e suas relações será melhor discutida no próximo ponto deste capítulo, contudo o que se pode dizer é que a política e o poder são duas coisas indiscutivelmente inseparáveis, onde um não consegue sobreviver sem o outro.

Quando o filósofo grego Aristóteles afirmou que: “o homem é um animal político”, não foi por um acaso, esta frase vem ser uma afirmação de um fato presente e inerente a todos os seres humanos. Dentre todos os animais que vivem em comunidade apenas os seres humanos são capazes de utilizar-se da política como uma forma de chegar ao controle da sociedade, este jogo de interesses, tanto coletivos como individuais, são próprios das relações sociais humanas. Seria impensável observar um formigueiro dotado de toda a estrutura política humana, com sua racionalidade e por que não dizer irracionalidade também. A política está para o homem assim como o rio está para o mar, pois, mesmo que haja algum empecilho, algumas montanhas ou resistências pessoais, é um fato que o rio sempre terá como fim do seu trajeto o mar, na vida do homem em sociedade por mais resistências que este ou aquele indivíduo possua para com a política, no fim a política de um modo ou outro será uma válvula de escape para

as suas aspirações, porque ela está em seu íntimo adormecida esperando apenas de um estímulo para que faça parte ativa de sua vida social.

Para muitos, a política é considerada a grande vilã causadora das desgraças que envolvem a forma como vários governantes lidam com a coisa pública, mais é necessário observar que:

A atividade política passa a ser uma espécie de mal necessário, uma atividade social transformadora pela qual se visa a realização de certos fins utilizando-se de determinados meios. Enfim, um instrumento de que há precisão na vida em sociedade.¹

Uma questão a ser analisada também é o caráter que a política desempenha no âmbito local. Ela é um fenômeno que em muitos locais do Brasil chega a ditar o ritmo de crescimento e desenvolvimento que muitas cidades terão no decorrer de sua história, várias vezes políticos fazem jogadas de interesses próprios para conseguir se manter no controle da sociedade. No interior do Nordeste brasileiro, onde as intempéries do clima favorecem a grandes secas prolongadas, surgem os indivíduos considerados por muitos como representantes do povo para tentar sanar as dificuldades que o clima, através da seca, proporciona a população, esta política assistencialista mexe mais com o imaginário social do que com a prática propriamente dita.

Ainda existe uma intensa política voltada à preservação de inúmeros fenômenos sociais como o coronelismo, o mandonismo e, sobretudo no fortalecimento e mitificação de indivíduos e suas famílias considerados políticos, os quais utilizam-se de jogadas de interesses pessoais para se perpetuarem na política local, onde muitas vezes estes indivíduos e suas respectivas famílias se apóiam em seus diplomas e cursos de alta representatividade perante a sociedade como no caso da medicina e a advocacia. O que se observa do nordeste brasileiro em especial no interior do estado de Pernambuco é a manutenção de grandes impérios políticos, onde famílias consideradas letradas através da representatividade que seus diplomas os garantem, dominam a grande massa analfabeta e semi-analfabeta. Como cita Faoro: “[...] a política será ocupada dos poucos, poucos e esclarecidos, para o comando das majorias analfabetas[...]”². A política é antes de tudo um conjunto de relações sociais que estão presentes em toda vida do homem, desde suas decisões no meio familiar passando pelo seu voto no dia da eleição até as

¹ MAAR, Wolfgang Leo. O que é política. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção primeiros passos; 54) p. 16

² FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 15ªed. São Paulo: Globo, 2000. p. 621

decisões que o governo terá para com os rumos da sociedade. Pois, é função da política transformar o homem em cidadão, ajudando a encaixar cada indivíduo no emaranhado de decisões, de conflitos, de objetividade e subjetividade que envolvem o homem enquanto ser social.

2.1 O poder e suas relações

[...] o poder não é um ser, “alguma coisa que se adquire, se toma ou se divide, algo que se deixa escapar”. É o nome atribuído a um conjunto de relações que formigam por toda parte na espessura do corpo social [...].

(LEBRUN. 2004:20)

Desde os primórdios da humanidade, quando os primeiros hominídeos começaram a se estruturarem em grupos para uma melhor condição de sobrevivência, as relações de poder já estavam presentes. Pois, com o aprimoramento das técnicas de caça e defesa sentiu-se a necessidade de organização nas tarefas diárias, surgindo assim, as primeiras relações de poder entre os homens, começou-se então a luta, pelo melhor alimento, pelo melhor ponto de caça, pela fêmea mais bem dotada de características maternas e, sobretudo, pelo controle do grupo, controle este que lhe dava o poder de deliberar os rumos que aquele determinado grupo de hominídeos iria tomar.

Assim, cada vez mais os homens foram aperfeiçoando esta relação: poder de um contra o não poder do outro, chegando, até a antiguidade clássica, com as bases filosóficas gregas e romanas que são o lastro de sustentação da política moderna. Sendo que, desde os primeiros embates dos hominídeos pelo poder passando pela filosofia política grega e romana, a estrutura política feudal da idade média, o absolutismo, nazismo e tantos outros sistemas de controle social que tem por base o poder de um contra o não poder de muitos. Desenvolveu-se então, uma teoria chamada de teoria da soma zero, pela qual “[...] o poder é uma soma fixa, tal que o poder de A implica o não poder de B”³ conseqüentemente, necessitou-se de que uma pessoa, seja ela homem primordial, senhor feudal, rei sol ou Führer, se levantasse e começasse a impor o seu

³ LEBRUN, Gérard. O que é poder. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção primeiros passos; 24). p. 18

poder de dominação sobre os demais indivíduos, sendo que, este indivíduo necessitou ainda de uma certa confiança do grupo no qual estava inserido e que delegou o poder de realizar as suas idéias que supostamente viessem a favorecer o bem coletivo.

Ao se tentar construir um possível conceito para o poder, faz-se necessário observar atentamente para as relações sociais, aqui entendidas como o conjunto de ações dos indivíduos dentro de determinada sociedade. Pois, quando se pensa em poder, a primeira concepção que vem a mente é algo pertencente a uma instancia superior muito distante da realidade da maioria da população. Porém com um olhar mais atento, pode-se perceber que o poder e suas relações estão presentes em vários setores da sociedade, sobretudo nas vivências diárias dos indivíduos. Tem-se, por exemplo, a vivência familiar, onde existem hierarquias de comando que, por conseguinte desempenham certa relação de poder existente entre um parente e outro. Dessa forma pode-se perceber que o poder não é algo exclusivamente pertencente aos altos comandos da sociedade, mas, sobretudo, é um fator presente em diferentes níveis da vida social humana.

Pode-se afirmar que o poder não é um objeto ou um ser, porém, o que faz ele ser tão presente na vida social humana é a representação que cada indivíduo possui dele, pois “[...] Ainda que o poder não seja uma coisa, ele torna-se uma, pois é assim que a maioria dos homens o representa.[...]”⁴. O poder transcende a barreira do material e passa a atuar também no imaginário social de onde desempenha o seu principal papel, o de condicionar um indivíduo ou um grupo a submeter-se a dominação, seja ela política, econômica ou social, de outro, que pela representação que possui em seu meio é tido como superior e que suas idéias são as mais viáveis para a organização de todo o corpo social.

Contudo, como já foi exposto nas linhas acima, em vários casos da história política humana, a tomada do poder nem sempre foi feita através de acordos com o grupo social nem tão pouco pela vontade de sua maioria, um caso bem recente na história brasileira que pode ser citado e exemplifica bem, foi a ditadura militar, a massa popular ficou inerte frente as avalanches de atos, leis e principalmente de abuso do poder que culminou com o abuso e destruição de qualquer garantia de livre organização da vida social. Pode-se perceber que o poder, como tudo que envolve o homem em sociedade possui seu lado obscuro, é pelo fator de o ser humano necessitar de um

⁴ LEBRUN, apud. p. 21

senhor e também por acostumar-se a dominação que em muitos momentos da história foi tomado dele o poder de determinar aquele o qual seria seu governante.

Roberto Machado na introdução do livro *Microfísica do poder* de Michel Foucault, ressalta que “[...], o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. [...]”⁵ são essas práticas e relações que representam um dos principais formadores da sociedade humana, pois desde as mais simples relações familiares até as mais importantes decisões do Estado o poder se faz presente, sendo que no corpo social ele não é um ser, um objeto, uma coisa mas é uma relação, com a qual, dominantes e dominados, maiorias e minorias, homens e mulheres, patrões e empregados, fazem mover as engrenagens da máquina que torna a vida social humana em movimento.

2.2 O mito político

Desde a antiguidade, o homem constrói mitos, os quais permanecem ativos de geração em geração. Partindo da estrutura gramatical da palavra mito, sua principal definição seria: algo mentiroso ou como define o minidicionário Aurélio “[...]3. Idéia falsa, que distorce a realidade ou não corresponde a ela[...]”⁶. Nesta perspectiva, o homem enquanto ser racional possui a característica de criar distorções da realidade seja para fugir desta realidade ou ainda para construir uma realidade ideal a ser buscada.

Nas muitas histórias mitológicas da antiguidade pode-se observar a presença de mitos que exaltam as aspirações da sociedade que os criou, como exemplo tem-se os mitos gregos de Hércules e Narciso, onde seus corpos representavam um ideal de força e beleza a ser alcançado pela sociedade grega. Por vezes, como se pode ver nos mitos de Hércules e Narciso, as distorções da realidade são tão expressivas que colocam o mito numa posição elevada, a qual representa uma barreira que jamais será alcançada pela totalidade da população. Está aí o ingrediente necessário para a sobrepujança do mito frente à sociedade que os criou, o mito sempre será uma pessoa, um fato ou uma coisa

⁵FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. XIV

⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro- RJ: Nova fronteira, 2001

que estará ligada a sociedade, porém esta mesma sociedade nunca poderá alcançá-lo em sua totalidade.

Durante o desenvolvimento e aperfeiçoamento das relações sociais, o mito começa a dividir sua abrangência, antes era formado por deuses, semideuses e tantas outras histórias que envolviam suas origens e feitos. No entanto, os homens também começaram a se destacar em seu meio, tornando-se verdadeiras lendas vivas, agora o mito não é mais um ideal a ser alcançado é cada vez mais um homem considerado “normal” que passa a ser admirado e também em muitos casos temido, por algumas de suas ações. Como exemplo se pode citar Átila, o rei dos hunos⁷, que no século V da era cristã, conquistou e espalhou o medo por toda a Europa e tentou sozinho invadir Roma, o centro político-administrativo do maior império que o mundo já tinha visto. Para seu povo, Átila era admirado por suas conquistas e sua inteligência bélica. Contudo, para os romanos e outros povos da Europa ele era temido. Átila representa um fator importante da constituição do mito no meio da sociedade, onde o mito é construído tanto de forma espontânea como também imposta, equação que pode ser vista no decorrer da história repetidas vezes. Assim aconteceu com Carlos Magno, Napoleão Bonaparte, Hitler, Evita Perón, entre tantos homens e mulheres que de forma espontânea ou imposta tornaram-se mitos de suas gerações e que ainda hoje prevalecem no imaginário popular como verdadeiros mitos.

O Brasil por ter uma história relativamente nova em comparação com outros países, também tem sua história carregada de mitos, sejam eles populares ou místicos. São lendas e indivíduos que por seus feitos tornaram-se mitos sociais, como é o caso de Tiradentes o mito da república brasileira, Getúlio Vargas mito dos pobres e trabalhadores, Padre Cícero, Lampião, Luiz Gonzaga e Miguel Arraes mitos dos sertanejos entre tantos outros indivíduos que fazem parte de um imaginário popular voltado à admiração, temor e respeito por aqueles que por sua vida destacada da maioria da população tornaram-se, em alguns casos, símbolos de uma aspiração social. Desta forma, o mito também torna-se símbolo de uma aspiração social.

Outra instância menor dos mitos, porém com uma representatividade expressiva são aqueles pequenos mitos que cada indivíduo constrói em seu íntimo no decorrer da vida, como aquele jogador de futebol que na infância fascinou e ainda fascina enquanto

⁷ Povo bárbaro de origem mongol presumivelmente originário da Ásia. No século XII a. C., teriam e fixado no norte da Ásia, fundando vários e extensos impérios.

exemplo de belos lances e jogadas ou ainda aquela professora das séries iniciais que é tida como um exemplo de generosidade e disponibilidade para com todos os alunos. Todos esses fatores que são valorizados em determinadas pessoas, no caso o jogador de futebol e a professora, os colocam no imaginário social como sendo um exemplo a ser seguido e admirado por todos, porém eles são levados a um patamar superior dentro da sociedade, onde dificilmente poucos conseguirão alcançá-los e até superá-los por completo. Seja por suas conquistas ou por sua personalidade destacada, o que realmente importa para que o mito prevaleça numa determinada sociedade é sem dúvida a valorização que esta sociedade lhe dá.

Na política estas características de conquistas, personalidade destacada, admiração e temor serviram e ainda servem de lastro para a construção dos mitos políticos modernos. A política tem como um dos seus princípios a razão, porém como explicar o aparecimento de formas irracionais, como mitos, em suas relações? Para Miguel: “A política não é nem pode vir a ser, um espaço feito só de razão. [...]”⁸ neste sentido encontra-se no íntimo de toda e qualquer relação política a presença de uma pitada de irracionalidade, assim como os antigos mitos personificados em deuses e grandes conquistadores os quais representavam o lado irracional do homem, o mito representa o lado irracional da política, sendo considerado ainda uma das forças de propulsão de toda a estrutura política, pois muitos dos personagens políticos que a história humana presenciou, usaram deste artifício para se firmarem e efetivarem sua dominação no meio social.

Esses personagens políticos que são considerados mitos, utilizam-se da oratória bem desenvolvida ao longo dos anos, de diplomas ou cargos estaduais e federais que os projetam no meio e os colocam numa situação mais confortável do que o restante da população. Um fenômeno ocorrido na política brasileira dos meados do século XX, que exprime bem esta teoria seria o coronelismo, pois segundo Leal:

A maior difusão do ensino superior no Brasil espalhou por toda parte médicos e advogados, cuja ilustração relativa, se reunida a qualidades de comando e dedicação os habilita à chefia [...]⁹.

⁸ MIGUEL, Luis Felipe. Em torno do conceito de mito político. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300005&lng=em&nrm=iso&tlng=pt acesso em 16/12/2009.

⁹ LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.41

Porém, para que um personagem político seja elevado a categoria de mito não basta apenas a sua oratória bem desenvolvida, um diploma ou um emprego de destaque, no entanto, em muitos mitos políticos espalhados pelo Brasil somente estes artifícios foram necessários, contudo o que realmente importa para que um personagem político venha a ser elevado a categoria de mito seria o reconhecimento neste mesmo personagem de características e aspirações da sociedade que o envolve. Para que esta sociedade chegue a este reconhecimento é necessário um grande acontecimento o qual venha a projetar o a personalidade do indivíduo candidato a mito político. Pois, “A imagem de um princípio “fabuloso” é bastante nítida em certos mitos políticos [...]”¹⁰, sendo que a junção de características de comando e a delegação deste comando pela sociedade, aliado a figura do grande homem de extrema eloquência, habilitam o personagem político a fincar raízes no imaginário popular, tornando-se um mito político admirado, copiado, amado e temido por todos aqueles que de alguma forma cruzarem o seu caminho.

¹⁰ MIGUEL, Luis Felipe. apud. acesso em 16/12/2009.

CAPÍTULO III

3. História e sua relação com a memória

A historiografia encontra embates e divergências entre as relações de história e memória desde a antiguidade com os gregos que atribuíram a deusa Mnemosine, a memória, a função de lembrar aos homens os grandes feitos heróicos. À Clio, a história, filha de Mnemosine, restava a inspiração que vinha de sua mãe, “deusa inspiradora de todas as musas”.¹¹

Dessa forma, a visão tradicional de que a história é a guardiã da memória dos feitos notáveis se estendeu ao longo dos séculos e atravessou a antiguidade colocando em relevância o fato e o documento escrito como fonte absoluta de verdade (as chamadas fontes oficiais). A ênfase sempre se deu aos aspectos políticos e econômicos e exaltou-se sempre os personagens ilustres como os chefes de Estado. Assim, essa história tradicional se encarregou durante muito tempo da história das classes dominantes. Para Walter Benjamin a razão é bem explícita: “[...] ora os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre portanto, esses dominantes.”¹² Essa empatia surgiu por parte de historiadores que assumiam o discurso das elites, legitimando seu poder e o perpetuando na história.

Entretanto a historiografia vem tomar rumos divergentes do que foi construído por todos os anos de pesquisa da história a partir da Escola dos Annales que segundo a definição de Peter Burke “é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma tradicional’”¹³ que trata de uma história política, documentada e que verifica apenas a objetividade dos fatos. Seus primeiros idealizadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, passaram a tratar de uma história social, onde diversos aspectos das atividades humanas têm relevância para a história. Se antes a história “vista de cima” era a única a ser considerada legítima, agora também a “história vista de baixo” passa a

¹¹ LE GOFF, Jaques. História e memória. 2ªed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

¹² BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, vol. 1. Magia e técnica, arte e política, trad. S. P. Rouanet. São Paulo: 3º Ed. Brasiliense, 1985. p. 225

¹³ BURKE, Peter (org.); trad. Magda Lopes. A escrita da história – novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 10

ser analisada através das pessoas comuns que têm sua própria visão da história e que também formam as estruturas que transformam a sociedade. O foco dos seus estudos é direcionado para um aspecto novo que engloba a história em suas diversas fragmentações que envolvem aspectos políticos, econômicos ou culturais e que se voltam a uma motivação social que é o que gera as transformações na sociedade. Portanto, torna-ser despropósito pensar numa história imutável que conseguiu solucionar todos os questionamentos e contradições que se apresentam à ela.

Partindo de uma abertura à novas abordagens a história, a memória passa a ser um objeto de interesse para os historiadores, principalmente a memória coletiva, pois são as experiências que um indivíduo viveu ou lhe foram repassadas através do que chama Walbawchs de “memória herdada”, pois para ele “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado”¹⁴. Essa memória tem grande importância para o indivíduo, pois enquanto os acontecimentos que são importantes para a historiografia parecem coisas distantes, alheias à sua realidade, a memória coletiva vem trazer à tona coisas que aconteceram no seu cotidiano, faz um resgate das experiências que mais marcaram sua vida enquanto participante de um determinado lugar ou grupo comum. Essa memória surge como fenômeno social e é alterada através das experiências vividas e sua relação com o presente.

Para ilustrar essa reelaboração constante dos fatos pode-se criar um exemplo adequado desse fenômeno. Imagine-se a memória como uma anciã que ao longo dos anos vai acumulando pedaços de tecidos e os guardando para posteriormente começar à uni-los em uma colcha de retalhos. Com o passar do tempo aquela escolha por alguns pedaços de tecido irá mudar e o que antes a agradava, agora já não serve mais na composição da sua colcha, agora parece antiquado, não se agrega bem ao conjunto. Dessa forma, ela troca alguns retalhos à seu critério e forma uma nova composição.

Nesse sentido, pode o esquecimento de algum fato indicar um desejo de ocultar dados que o indivíduo gostaria que não viessem à tona e por vezes ele pode recriar os fatos como julga que seriam melhores. Assim essa falta de veracidade no depoimento pode ser encarada não como uma invalidez da memória, mas como uma característica do depoente que na maioria das vezes é idoso e tende a idealizar o passado. Isso pode

¹⁴ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos. 3ª Ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994. p. 414

ser percebido pelo pesquisador, que está lidando com sentimentos e emoções do depoente, como um fator enriquecedor para o seu trabalho. Pois não há como acreditar na objetividade total da reconstrução de um passado, de uma memória. Para Ecléa Bosi,

[...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.¹⁵

Assim, o pesquisador deve se abastecer de quadros que, unidos entre si, contribuam para sua análise e interpretação acerca do problema a ser estudado. Dessa forma, como julgar que qualquer entendimento acerca de suas pesquisas surja isento de subjetividade se de alguma maneira, mesmo sempre buscando a veracidade em seu trabalho o pesquisador estará condicionado por suas próprias observações acerca da pesquisa. Para Walter Benjamin “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”¹⁶. Portanto, o que parece ser levado em conta nesse processo não é apenas perceber tais intenções do indivíduo, mas também as relações e interferências que esse indivíduo mantém dentro dos grupos sociais a que fazem parte.

3.1 História oral: a memória posta em questão

Diante da inquietude sobre as novas abordagens das relações entre história e memória, é posto em validação o uso de fontes orais na pesquisa histórica. Mesmo vista com descrédito pela comunidade acadêmica, a história oral toma impulso principalmente como uma forma de dar voz aos excluídos, as minorias que evidentemente nunca tiveram espaço na história para falar, para dar seu testemunho. Mas uma nova retomada historiográfica após a Segunda Guerra em meados de 1940 vem estimular estudos que possibilitou o uso das fontes orais na construção da pesquisa histórica e mais ainda possibilitou produzir documentos com o objetivo de criar arquivos de fontes orais que permitem a observação e reflexão sobre as especificidades dos grupos pesquisados. Esse desenvolvimento das pesquisas com fontes orais deve-se

¹⁵ BOSI, Ecléa. apud. p. 55

¹⁶ BENJAMIN, Walter. apud. p. 224

muito ao avanço tecnológico através do gravador, filmadora, câmera fotográfica e etc. permitindo grande impulso no recolhimento do testemunho oral.

Entre os estudiosos que contribuíram com o desenvolvimento da história oral, Paul Thompson formulou um estudo sobre a história dos excluídos, onde agrega um caráter político à luta desses grupos. Para Montenegro, o depoimento faz com que essas classes menos favorecidas também tomem uma consciência de poder de seu papel nas relações sociais, “[...] afinal dirigir a palavra ‘ao poder’ significa reconhecer-se também como poder e até mesmo contrapoder”¹⁷ pois o que a história oficial produz atribui um monopólio de dominação aos aparelhos, sejam eles políticos ou econômicos que moldam a sociedade com a sua consciência, mitificando a sua própria imagem. Assim, investigar a própria sociedade e registrar seus pontos de vista e partir de sua subjetividade contribui para criar aspectos identitários que valorizam o papel do indivíduo dentro da sociedade.

Ao analisar o indivíduo que fala, percebe-se então a sua relação com o pesquisador, que tende a discutir seus resultados com base nas teorias do depoente. Este processo muitas vezes gera um debate acerca da credibilidade dos depoimentos orais onde a tarefa do pesquisador consiste em buscar diferentes versões, comparar e interpretar os fatos através de seu próprio entendimento, através das experiências vividas pelo depoente que identifica e através da representatividade e do imaginário gerando discursos impregnados de subjetividade. Desse modo, a narrativa torna-se reveladora das mentalidades dos vários grupos sociais, como argumenta Montenegro, “[...] um dos aspectos do popular é estar implicado na questão da elite – o não popular – e, conseqüentemente, o primeiro se transforma, enquanto contraponto, em legitimador do segundo”¹⁸. Assim o pesquisador procura compreender essa construção da narrativa através do imaginário que o depoente muitas vezes utiliza sem ter consciência dessa condição e que define o caráter social e político do seu discurso.

Dessa forma, as fontes orais se transformam em um documento produzido entre depoente e pesquisador e que se tornam em recurso para garantir uma socialização, uma identificação de valores e um controle social através de uma representação coletiva de um grupo ou comunidade.

¹⁷ MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 47

¹⁸ MONTENEGRO, apud. p. 9

CAPÍTULO IV

4. A emancipação política da cidade de Lajedo – PE: uma conquista individual ou coletiva?

Tentar responder se a emancipação de Lajedo foi uma conquista individual ou coletiva, mexe com muitos conceitos introduzidos durante estes últimos sessenta e dois anos no meio da sociedade lajedense. Conceitos estes que são passados de geração em geração pelas famílias, pelas escolas e por tantos outros meios de divulgação e comunicação social, são histórias de um tempo em que Lajedo não passava de algumas ruas como nos relata Antônio Oliveira em seu livro de memórias onde:

Lajedo não passava então de um pequeno povoado de poucas ruas sem calçamento, de areia muito branca e macia. Havia a rua principal, ou quadro da rua, onde ficava a igreja, o comércio e onde moravam as pessoas mais importantes[...]¹⁹.

Este trabalho não teve em hipótese alguma a pretensão de desfazer tantos conceitos que estão fixados no imaginário da sociedade lajedense, porém, o que foi no decorrer desta pesquisa encontrado, foram fatos que ao serem analisados à luz do presente, transmitiram enormes contradições daquilo que é tido como a verdade sobre a emancipação política da cidade. A primeira questão a ser analisada foi se a emancipação da cidade foi uma conquista individual ou coletiva.

O processo de emancipação política de um grupo social, seja ele um país ou uma cidade, é lento e gradual, pois, acredita-se que uma emancipação política, no caso deste trabalho da cidade de Lajedo, foi e é um processo, sendo inconcebível a idéia de que da noite para o dia o sentimento de liberdade jorrou no meio da comunidade.

A partir do ano de 1852, com a chegada de José Ferreira da Silva, o Barão Cazuza, que se instalou na localidade, afixando moradia e sendo tido desde então como o fundador do conjunto urbano que hoje corresponde a região central da cidade. A localidade desde então, vem passando por transformações econômicas e sociais que formaram um quadro do seu espaço desenvolvido através das ações de seus habitantes se organizarem para trazer melhorias as suas condições de vida.

¹⁹ SILVA, Antônio de Oliveira e. Lembranças da Primavera: memórias, Lajedo: Ed. do autor, 1995, p.25

Partindo dos arredores da primeira casa construída e que tornou-se a rua principal, hoje a praça Santo Antônio, Lajedo até então, vila, foi se desenvolvendo através de sua feira semanal e de seu comércio e fazendo com que seus habitantes se organizassem como uma comunidade que luta por seus próprios interesses, formando assim um espaço social dirigido por um poder local, que são seus próprios moradores trabalhando para tentar solucionar os problemas do seu cotidiano.

Ao se tratar da questão da emancipação política de Lajedo, pode-se perceber, ao analisar os poucos registros que se dedicam à história local, que desde que seus habitantes se viram com um razoável sistema de organização, surgiu então o desejo de se tornar uma cidade emancipada. No ano de 1934, um fator importante para o crescimento econômico da cidade foi relatado no livro de memórias do senhor Antônio Vilaça, contribuinte do desenvolvimento local: “Lembro-me da luta de Napoleão Teixeira para que no ano de 34, a estrada Caruaru-Garanhuns cortasse Lajedo e nos trouxesse o progresso”²⁰.

Dessa forma, alguns residentes com alguma iniciativa para a organização comunitária, respondendo assim, aos interesses da população a qual sempre intervia através de uma gestão local, que possibilitou melhorias para a localidade e que evidentemente não significa que puderam assegurar todos os aspectos necessários ao desenvolvimento local, pois muitos desses aspectos correspondem a outras esferas do poder público, mas que abriram uma possibilidade para uma série de iniciativas através da participação comunitária. Essa participação comunitária se mostra ativa no registro de Antônio Vilaça:

Também, aí, tive minha cota de trabalho. Era deputado estadual Heráclio do Rego e a meu pedido ele apresentou à Câmara projeto que se tornou vitorioso. A lei 377, de 24 de dezembro de 1948, assinada pelo governador Barbosa Sobrinho desmembrou o distrito de Lajedo do município de Canhotinho.²¹

Do movimento formado para emancipar Lajedo as principais figuras foram: o próprio Antônio Vilaça, Arlindo Ferreira, Antônio Oliveira, Antonio de Siqueira, José Paulo Barbosa, Guilhermino de Sobral, Francisco Rosa, Antonio Dourado, José Homem de Lucena, Simpliciano Cardoso, José Firmino Burgos entre tantos outros nomes que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização das aspirações da

²⁰VILAÇA, Antônio. Livro de memória. Arquimedes Edições, Rio de Janeiro. p.155

²¹VILAÇA, Antônio. apud. p.152

comunidade acerca da emancipação política da localidade. Partindo ainda da premissa de que, para haver uma revolução ou uma simples mudança no grupo social é de extrema necessidade a aceitação de todo o grupo e não apenas da decisão de um ou outro indivíduo, acredita-se que a emancipação política de Lajedo foi um processo dinâmico, o qual abrangeu todas as camadas sociais, independente da participação ativa ou não de todos os indivíduos que à época formavam o grupo social em análise.

4.1 A participação popular no desfecho do processo emancipatório de 1948

O ‘povo’ – os dominados e dirigidos, que podem vir a ser dominantes e dirigentes – fala por si. A história está recheada pela sua ilimitada capacidade de responder de modo inventivo e inovador aos problemas das próprias relações de dominação. (MAAR.2004:71)

Em muitos momentos da história da humanidade, a participação popular desempenhou uma enorme importância no desenrolar e desfecho de inúmeras revoluções. Desde a clássica Revolução Francesa de 1789 até a campanha das “Diretas Já” pela eleição direta para presidente da república e fim da ditadura militar brasileira em meados da década de 1980, o popular se confronta com o poder das camadas dominantes. O popular é sem dúvida o combustível imprescindível para uma revolução social ser instaurada, o povo que representa a maioria de toda e qualquer sociedade é quem realmente faz a história acontecer. Como seria a Revolução Francesa sem os “sans-culottes”? E a campanha pelas “Diretas” sem as mobilizações sociais?

Dessa forma, acreditar que a emancipação política da cidade de Lajedo foi um fato decidido em uma simples conversa no gabinete do governador no Recife ou ainda pela história de uma derrota política de apenas um indivíduo, é um tanto quanto insustentável. Ao se analisar os fatos ocorridos durante boa parte da década de 1940, o que pode-se perceber é um sentimento de liberdade o qual expressava as aspirações sociais de que realmente a vila de Lajedo já estava pronta para tomar suas próprias decisões.

Morar em Lajedo nas décadas que antecederam a emancipação política não era uma tarefa fácil, a historiografia local e até mesmo os relatos dos populares, remonta a um local inóspito, cheio de epidemias, sem o mínimo de saneamento básico nem tão pouco abastecimento de água potável, sendo os caldeirões, a única fonte de abastecimento por longos anos, como relata Antônio de Oliveira: “[...] os caldeirões, uma formação natural de pedra, cheia de cavidades grandes e pequenas que, à semelhança de vasilhas (caldeirões), retinham a água das chuvas[...]”.²², existia ainda o problema da segurança, não como se concebe nos dias atuais, onde os crimes na época em sua maioria estavam relacionados com desavenças familiares, intrigas e até mesmo fuzilamentos, como no caso do Sr. Claudino Pereira de Gouveia Torres Galindo ou como era conhecido na povoação, Major Capitú, um importante comerciante e sub-delegado da vila, que em determinado momento foi fuzilado dentro de seu estabelecimento comercial, o motivo que ocasionou esta tragédia foi o não cumprimento de uma ordem despachada pelo delegado de Canhotinho, seu superior. Na região, a ameaça de Lampião e seus cangaceiros, não passava apenas de uma lenda, pois Lajedo não fazia parte da área de atuação do Cangaço, porém, a vila viu no decorrer de sua história vários crimes, muitos deles banais, como foi exposto nas linhas acima.

Contudo, a vila de Lajedo nos anos que antecederam sua emancipação política, possuía um certo desenvolvimento. Um fator importante para esse desenvolvimento é sem dúvida, a construção da antiga estrada que ligava Garanhuns a Caruaru no ano de 1934, onde a mesma teria tido seu trajeto original, Garanhuns– Jucati– São Bento do Una, alterado a pedido de um importante comerciante da vila de Jupi, o Sr. Napoleão Teixeira de Lima, para que a mesma fosse desviada para passar pela vila de Jupi, fazendo com que a referida estrada de terra batida também passasse pela vila de Lajedo. Com a estrada, chegaram os ônibus que faziam a ligação Caruaru-Garanhuns, chegou também a rápida comunicação com as duas principais cidades do interior, Garanhuns e Caruaru, e por conseguinte, a introdução de novos ideais entre a população, pois, acredita-se que para o desenvolvimento de toda e qualquer sociedade um fator primordial é sem dúvida a comunicação. A vila naquele momento possuía a oportunidade de crescimento, tanto político como econômico e até mesmo, de novos ideais e concepções. Lajedo que até pouco tempo apenas se relacionava intensamente com sua “metrópole”, Canhotinho, a partir de 1934 conquistou a oportunidade de

²² SILVA, Antônio de Oliveira e. apud , p.27

conhecer e ser conhecida pelas cidades do agreste pernambucano. O que se pode perceber que a iniciativa de um morador de Jupi, trouxe a Lajedo uma posição estratégica na micro-região de Garanhuns, pois hoje se encontra localizada num entroncamento rodoviário, além da BR 423, que veio a substituir a antiga estrada de terra batida Garanhuns-Caruaru, por ela também passa a PE 170, que faz a ligação entre Lajedo e a cidade de Canhotinho e zona da mata sul de Pernambuco, e a PE-180 que faz a ligação de Lajedo à cidade de São Bento do Una, Belo Jardim e o Sertão do estado.

A rua principal ou quadro da rua como era chamada na época, da vila de Lajedo, já possuía um pequeno, mas expressivo, comércio, eram algumas lojinhas chamadas de bodegas, as quais supriam as necessidades de seus habitantes e ainda a vila mantinha uma feira semanal, os quais atualmente são as principais fontes de renda e emprego da cidade. Paulatinamente, a vila foi conquistando uma considerável estabilidade social, econômica e política.

Um outro fato importante que deve ser ressaltado foi a criação da paróquia, no ano de 1941, como relata o Jornal O Jubileu, produzido pela paróquia de Santo Antonio em comemoração aos seus 25 anos de sua fundação, onde o mesmo trás a copia do decreto de fundação onde o Bispo da Diocese de Garanhuns, Dom Mário de Miranda Vilas Boas, decreta:

Pelo presente decreto e usando da jurisdição ordinária que nos confere o Canon 1427, depois de ouvirmos os párocos interessados; Havemos por bem criar a Paróquia de Santo Antônio de Lajêdo, desmembrando-a da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes de Calçado.²³

Este fato à época, trouxe a localidade de maioria católica, uma certa comodidade do ponto de vista religioso, onde a partir de então suas decisões religiosas seriam tratadas na localidade e não dependeria mais da paróquia de Calçado.

Lajedo cada vez mais deixava de ser um burgo isolado, sem comunicação e sem lei, os fatos que antecederam sua emancipação dão a plena garantia de que a população da vila não estava mais inerte aos domínios de sua “metrópole” nem tão pouco mergulhada em pleno estado de dormência sócio-cultural, cada vez mais pode-se notar que a vida cultural da vila ia sendo aperfeiçoada como por exemplo nas peças teatrais

²³ PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO. O jubileu, Lajedo, 16 de fevereiro de 1966. Histórico da Paróquia. p.2

escritas e dirigidas pela professora Júlia Costa, descendente dos colonizadores e fundadores da povoação, os grandes bailes e blocos carnavalescos como o bloco parafuso, com os homens vestidos de mulher e com fronhas de travesseiro na cabeça, o clube dos embora com seus toques de realejos e o memorável clube dos luzeiros que fazia a festa nas principais ruas da vila, apesar dos contratempos, a população lajedense sempre mostrava capacidade inventiva e inovadora para transpor as dificuldades e problemas que a vila possuía.

Atualmente, existe apenas uma única versão para a emancipação de Lajedo, a que está contida no Álbum Histórico de Lajedo, segundo o relato de seu autor, o Sr. José Paulo Barbosa, tudo teria começado com a chegada do Sr. Antônio Dourado Cavalcanti, médico recém formado. Durante a estada do médico na vila houve uma forte chuva, a qual teria supostamente revolvido os túmulos do antigo cemitério, que à época ficava localizado atrás da igreja matriz na atual Av. 19 de maio, o terreno no qual ficava o cemitério possuía um certo declive para a frente da igreja matriz o que fazia a água das chuvas escoar pela praça central ou quadro da rua como era conhecida à época, trazendo consigo os restos mortais do referido cemitério. Segundo o relato do Sr. Antônio Dourado ao Jornal Folha de Pernambuco:

[...]. Vendo a triste cena, fui até o prefeito de Canhotinho, que na época era Eugenio Tavares de Miranda, já que Lajedo era distrito ainda do município, e pedi dez contos de réis para construir um novo espaço. Com o dinheiro, iniciei as obras, que acabou custando apenas nove contos e meio. Finalizada a construção, devolvi o dinheiro à prefeitura. O prefeito, surpreso com o gesto, chamou o secretário de finanças e chegou a dizer que era a primeira vez que ele via alguém devolver dinheiro público. Um mês depois da situação, fui convidado pelo partido da oposição para integrar a chapa e concorrer à prefeitura, [...] ²⁴

Este episódio teria gerado uma grande repercussão em todo o município de Canhotinho, fazendo com que à figura do Sr. Antônio Dourado ganhasse uma certa projeção política, chegando ao ponto de ser convidado a candidatar-se a prefeito do município. Ao ser convidado, o Sr. Antônio Dourado teria aceitado a concorrer ao pleito e teria vencido não fosse a impugnação de algumas urnas, pois à época o processo eleitoral brasileiro não possuía o rigor que atualmente mantêm, e esta eleição para

²⁴ FERRY, Maurício. Um século de conquistas. Folha de Pernambuco, Recife, 30 de setembro de 2009. Grande Recife, p.3-4.

prefeito da cidade de Canhotinho não poderia fugir à regra. Segundo o Sr. José Paulo Barbosa:

[...], sentindo o espectro de derrota, o Advogado Esdras Gueiros, Delegado da U.D.N. e genro do candidato opositor Sr. Manoel Vidal, aproveitando o despreparo e a pusilanimidade do Juiz Aprígio Gomes, impugnou-as alegando suspeitas e irregularidades nas fôlhas de votação em uma delas e incoincidência de uma sobrecarta na outra.²⁵

Essa jogada de interesses políticos posta pela oposição, que levou a derrota do Sr. Antônio Dourado, seria a principal causa, segundo a historiografia local, motivadora da emancipação política de Lajedo. O governador ao ficar sabendo do caso, teria proposto a emancipação política da vila. Em uma entrevista prestada a um folhetim da cidade o Sr. Antônio Dourado discorre sobre o fato da emancipação:

[...] fui ao Recife falar com o Governador José Barbosa de Lima Sobrinho que era meu conhecido, porque era muito amigo do meu cunhado e ele me acolheu e falou: 'Não vamos falar de Canhotinho, eu vou enviar-lhe meu melhor assessor, vamos fazer de sua terra um município autônomo de Pernambuco' [...]. Levamos a proposta para assembléia e em menos de um mês o rádio dizia: Lajedo é município autônomo e agora poderá eleger seu prefeito [...].²⁶

Este trabalho em hipótese alguma quis questionar a conversa tida pelo governador José Barbosa de Lima Sobrinho e o médico Antônio Dourado, no entanto, ao longo da pesquisa várias questões vieram a torna-se incompreensivas. Se realmente a emancipação de Lajedo dependeu única e exclusivamente de uma decisão tratada pelo governador José Barbosa de Lima Sobrinho e o médico Antônio Dourado Cavalcanti, recém erradicado na vila, porque o prefeito nomeado pelo governador foi o Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral, um agricultor? E, sobretudo, o que esse agricultor tem a ver com uma decisão tratada e formulada no gabinete do governador de Pernambuco? E se a emancipação de Lajedo foi um processo que envolveu várias pessoas, porque atualmente não se é dado crédito a elas?

No decorrer desses últimos sessenta e dois anos, a historiografia local, muitas vezes tendenciosa, suprimiu a idéia de coletivo e instaurou a idéia positivista do

²⁵ BARBOSA, José Paulo. Álbum Histórico de Lajedo. Lajedo: s/e, 1949. p. 45

²⁶ CHINA, Wilson. A saga de Antonio Dourado completa 96 anos. Jornal Tribuna Lajedense. Lajedo, setembro de 2005. Especial, p.05.

indivíduo que tomou para si os rumos da localidade e a libertou. Não se quer retirar as conquistas das mãos de um para colocar nas mãos de outro. Porém, negar a participação do Sr. Antônio Dourado Cavalcanti neste processo, seria uma grande inverdade histórica. Numa localidade isolada pelas barreiras sociais e geográficas, onde o analfabetismo era uma realidade de quase cem por cento da população, a chegada de um jovem médico, nascido e criado na capital do estado, atribuía-lhe um tratamento diferenciado, como o próprio Antônio Dourado relatou em uma entrevista prestada ao pesquisador José Nivaldo da Silva, onde: “[...] Eles viam o médico como uma pessoa diferente.”²⁷. Naquele período, possuir o ensino superior, já era garantia de respeito e admiração. Ainda hoje, apesar do processo de difusão e popularização do ensino superior que passa o país, é comum encontrar pessoas que admiram determinadas personalidades apenas por elas possuírem o ensino superior.

Este tratamento diferenciado que o médico Antônio Dourado recebia, foi transferido também para a sua participação na emancipação da localidade. Atualmente o mesmo é tido como o emancipador da cidade, em um artigo de um folhetim local, intitulado “Morre o homem, permanece a história”, esta idéia do libertador é constatada nos seguintes comentários:

[...]. E assim, com o apoio do governo do Estado, Antonio Dourado conseguiu realizar a emancipação política de Lajedo [...] A trajetória deste sertanejo nascido em Nazaré da Mata, que veio exercer medicina numa terra do interior e a transformou município autônomo é, com certeza, memorável.[...]²⁸

A participação do médico Antônio Dourado no processo de emancipação é um fato inegável, porém o que a historiografia local descreve é a idéia de que ele e somente ele teria emancipado a cidade. Deve-se perceber antes, que a emancipação política de Lajedo foi um processo longo e gradativo, desde a criação da estrada que ligava Garanhuns à Caruaru, passando também pela criação da paróquia a localidade ganhava aos poucos autonomia frente à Canhotinho. A derrota do médico Antônio Dourado só veio a contribuir com esta autonomia, como diz o ditado popular: “foi um palito de fósforo perto de um barril de pólvora”. Ao se afirmar que o médico Antônio Dourado “conseguiu realizar a emancipação” ou ainda “a transformou em município autônomo”,

²⁷ Entrevista prestada a José Nivaldo da Silva p. 12

²⁸ BARBOSA, Tiago. Morre o homem permanece a história. O Jornal, Lajedo, abril de 2010. Especial, p.A8

exclui a participação de um grupo. Grupo este que era formado pelas mais diversas classes da sociedade lajedense da época, desde agricultores até funcionários públicos.

A questão principal a ser analisada neste ponto do capítulo, seria se houve ou não uma participação ativa de alguns populares no processo de emancipação da cidade. Em entrevista o Sr. Antônio de Oliveira e Silva, ao ser questionado se a emancipação política de Lajedo partiu de uma pessoa ou de um grupo, ele relata que: “Acredito que de um grupo, para não dizer da população inteira.”²⁹ Ainda, ao ser questionado sobre quem estava envolvido no processo de emancipação de Lajedo, ele relata: “Várias personalidades, merecendo destaque os Srs. Professor Antônio Vilaça, Tabelião José Firmino Burgos e o médico Dr. Antônio Dourado.”³⁰ Em uma entrevista publicada num folhetim da cidade no ano de 2005 o Sr. Arlindo Ferreira, ex-vereador e ex-prefeito do município afirmou veementemente que:

[...]. Na época em que começaram os primeiros movimentos para a emancipação de Lajedo. Entre as pessoas do movimento tínhamos eu, Chico Rosa, Simpliciano Cardoso, José Homem de Lucena, José Firmino Burgos e Antônio Vilaça,[...] ³¹

O Sr. Arlindo Ferreira citou alguns nomes de populares, entre eles comerciantes, funcionários públicos e agricultores. O que se quer elucidar é a existência de um movimento anterior a emancipação, que contava com o empenho de várias pessoas e não de apenas um indivíduo como relata a historiografia local e os vários discursos presentes no imaginário social.

Para devida elucidação da participação de outras pessoas no processo de emancipação tem-se um exemplo bastante consistente. A participação do Sr. Antônio Vilaça, professor, escritor, jornalista, ex-vereador e ex-prefeito da cidade de Limoeiro. O Sr. Antônio Vilaça à época da emancipação de Lajedo residia na cidade de Limoeiro, no entanto, tinha uma forte ligação com a sua terra natal, Lajedo, pois nesta localidade residia boa parte de sua família, inclusive os seus pais, o Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral e a Sra. Cecília Vilaça. Em seu livro de memória o Sr. Antônio Vilaça descreve a amizade que possuía com a família do Coronel Chico Heráclio da cidade de Limoeiro e de toda a sua trajetória de vida. Foi esta amizade com políticos influente de Limoeiro

²⁹ Entrevista com Antônio Oliveira. 23/04/2010. item.09

³⁰ Entrevista com Antônio Oliveira. 23/04/2010. item.10

³¹ CHINA, Wilson. Entrevista com Arlindo Ferreira da Silva. Jornal Tribuna Lajedense. Lajedo, dezembro de 2005. Especial,p.05.

que veio a torna-se de extrema importância a participação do Sr. Antônio Vilaça para os trâmites oficiais da emancipação de Lajedo.

Foi por intermédio do Sr. Antônio Vilaça, que o deputado Heráclio Moraes do Rêgo apresentou o projeto de Lei nº66/48, que veio a torna-se a Lei nº 377 de 24 de dezembro de 1948, que emancipou Lajedo de Canhotinho. A participação do Sr. Antônio Vilaça neste processo foi inteira contribuição, pois a mesma veio a facilitar os trâmites oficiais de emancipação da cidade. Pode-se perceber ainda o engajamento que o mesmo teve para com os acontecimentos da localidade. Em uma entrevista prestada a um jornal da cidade, intitulado Folha Lajedense, do ano de 1987, o Sr. Marcos Vilaça, filho do Sr. Antônio Vilaça e atual presidente da Academia Brasileira de Letras, ressalta a participação e preocupação de seu pai para com a emancipação de Lajedo:

[...] ele mobilizou as amizades que tinha com o então deputado estadual Heráclio de Rêgo, que era de Limoeiro, cidade onde papai residia. Heráclio apresentou o projeto na Assembléia Legislativa[...]. Temos a alegria de saber que a família pôde participar de toda a trajetória que Lajedo cumpriu[...]³²

No livro intitulado Álbum Histórico de Lajedo, escrito e editado pelo Sr. José Paulo Barbosa, atualmente é tido como a principal fonte de pesquisa histórica sobre a cidade. Em algumas passagens do referido livro várias contradições são expostas, contradições estas que responderam boa parte dos questionamentos desta pesquisa.

Em se tratando da política da vila de Lajedo uma questão chama à atenção. Um trecho do referido livro destaca a eleição do deputado estadual Amando Queiroz Monteiro, cunhado do Sr. Antônio Dourado, onde a vila de Lajedo concede ao candidato uma boa e considerável soma de votos, sendo este aclamado deputado representante da localidade.

“Lajedo, próspero Distrito de Canhotinho havia no referido pleito, concorrido maciçamente para levar a Assembléia Legislativa do Estado como seu representante Dr. Armando Queiroz Monteiro.”³³.

Dessa forma, o deputado Armando Q. Monteiro tornou-se, ao tomar posse de seu cargo, o líder da política regional no contexto estadual. Porém, o que chama a atenção é

³² OLIVEIRA, Ana Paula de, et.al. Marcos Vilaça fala à Folha Lajedense. Folha Lajedense, Lajedo, outubro de 1987. Entrevista, p 2-4.

³³ BARBOSA, apud. p. 44

que durante o processo de emancipação de Lajedo, o deputado que apresentou o projeto de lei na Assembléia Legislativa foi o deputado Heraclio Moraes do Rêgo, representante da cidade de Limoeiro no agreste setentrional de Pernambuco.

Ao se analisar o projeto nº 66 de 7 de junho de 1948, no qual foi aprovado e decretado pela Assembléia Legislativa de Pernambuco a emancipação de Lajedo, constata-se que o nome do deputado representante da localidade, o Sr. Armando Queiroz Monteiro, não está citado, como mostra a cópia em anexo, pois além do deputado Heraclio Moraes do Rêgo, segue-se abaixo mais seis assinaturas de outros deputados que foram de acordo com o projeto. Desta forma, fica claro que pelo menos nos trâmites oficiais que são documentados, a participação do Sr. Armando Queiroz Monteiro no processo emancipatório é um tanto quanto questionável. Lajedo à época tinha um deputado que a representasse como citou o Sr. José Paulo Barbosa. Porém, foi através de um professor nascido na localidade que oficialmente o projeto de emancipação foi levado a Assembléia Legislativa.

Este exemplo não quer de maneira alguma exaltar a figura do Sr. Antônio Vilaça, no entanto, quer se mostrar a sua participação ativa nos fatos. Optou-se pelo Sr. Antônio Vilaça, como poderia ter sido os tantos outros nomes que contribuíram ativamente para a emancipação, porém de todos os indivíduos participantes, o Sr. Antônio Vilaça foi quem mais teve registros sobre sua vida, pessoal, social e política. Não tirando assim, a importância que desempenharam tantos indivíduos públicos e anônimos neste processo. A emancipação política de Lajedo, foi um processo dinâmico, pois para tanto, foi-se mobilizada toda a população, o sentimento de libertar-se do domínio de Canhotinho não partiu de um só indivíduo, pois tudo que é para a coletividade, acredita-se, que esta coletividade esteja de acordo.

Em depoimento, a Sra. Lindalva Gomes de Melo, viúva do Sr. Simpliciano Cardoso, ao ser indagada se o desejo de emancipar Lajedo era do Sr. Simpliciano ou de algumas pessoas, ou se era do grupo todo, ela foi incisiva ao afirmar: “Era do grupo todo! Era do grupo todo”³⁴. Ainda no depoimento da Sra. Lindalva, pode-se perceber que a emancipação da vila de Lajedo era um fato de bastantes comentários entre os populares, pois ao ser indagada se o Sr. Simpliciano conversava sobre o assunto a Sra. Lindalva afirmou: “ Ele conversava, era o assunto dele, eu dizia: Heita! Ele já almoça,

³⁴ Entrevista com. Lindalva Gomes de Melo.10/04/2010

janta, ceia a conversa desse povo, te aquieta dentro de casa”³⁵. Quando foi indagada se o Sr. Simpliciano se reunia com os amigos para discutir a emancipação de Lajedo, ela afirmou: “Era, toda era uma na noitinha que eles faziam no meio da rua: Chico Bráz, era seu Zé Paulo, era cumpadre Chico Bráz, Chico Paulo, era Zé Carça Larga, era seu José, seu José, era um amigo dele[...]”³⁶.

É evidente que vários indivíduos ganharam projeção na localidade pelo empenho no processo emancipativo. Em depoimento, o Sr. Antônio Oliveira, ao ser questionado sobre quem estava envolvido no processo de emancipação de Lajedo, afirmou: “Várias personalidades, merecendo destaque os Srs. Professor Antônio Vilaça, Tabelião José Firmino Burgos e o Médico Antônio Dourado.”³⁷.

Algumas destas “personalidades” citadas pelo Sr. Antônio Oliveira e tantas outras não citadas por ele, ganharam, durante esses sessenta e dois anos, projeção política e pessoal, outras ganharam o esquecimento da população e o desconhecimento das novas gerações.

Atualmente o que impera na cidade é o super-reconhecimento de um só indivíduo em detrimento do não reconhecimento de muitos nomes de lajedenses, que de forma direta ou indireta contribuíram, cada um conforme suas possibilidades, para a emancipação de Lajedo. Ainda é importante rever como está sendo escrita a história do município, para que um indivíduo não se sobressaia sobre os outros. Deve-se entender a emancipação política de Lajedo como um processo que envolveu tanto “personalidades” como também anônimos, pois a história não é formada apenas pelos grandes feitos de grandes homens, mas também, e sobretudo, pela dinâmica da massa popular.

4.2 A baraúna³⁸ de Lajedo: a construção da figura mítica do chefe político local.

[...] o Salvador, alguém capaz de reverter a situação vigente, tida como má, e instaurar uma nova era de paz e prosperidade. Ou melhor: não instaurar, mas conduzir o grupo[...] ao futuro glorioso que de antemão lhe estava reservado[.] (MIGUEL,1998)

³⁵ Entrevista com Lindalva Gomes de Melo. 10/04/2010

³⁶ Entrevista com Lindalva Gomes de Melo. 10/04/2010

³⁷ Entrevista com Antônio Oliveira. 23/04/2010. item.10

³⁸ Árvore das leguminosas, das florestas pluviais; tem madeira duríssima.

Em muitos momentos da história da humanidade, o que prevaleceu foram as conquistas de determinados indivíduos. A história está carregada de simbolismos que procuram dar ênfase ao culto de diversas personalidades.

Como foi exposto no capítulo I deste trabalho, o mito político não surge da noite para o dia, ele necessita de um grande acontecimento que o venha projetar no contexto social no qual ele está inserido. Os discursos presentes em livros, publicações independentes, jornais e folhetins da cidade de Lajedo, exaltam a figura mítica do Sr. Antônio Dourado Cavalcanti, ou popularmente conhecido como Dr. Dourado, não pretendendo entrar no mérito da questão do envolvimento ou não desta figura no processo de emancipação política. No entanto, é importante ressaltar que o Sr. Antônio Dourado realmente foi uma pessoa presente e ativa neste processo.

Para se tornar um mito, uma pessoa necessita de um grande acontecimento que o venha projetar diante da sociedade na qual está inserido. O Sr. Antônio Dourado teve várias oportunidades, uma delas está relacionado a sua figura elitizada, pois sua origem aristocrática e sua formação profissional, lhes atribuíam uma certa comodidade e um tratamento diferenciado diante da população lajedense da época. Uma outra questão, esta pode ser considerada a primordial, de onde surgiu toda a mítica em torno da figura do “Dr. Dourado”. É sem dúvida a história que envolve a construção do Cemitério de Santo Inácio, como foi exposto nas linhas acima, história esta que lhe projetou politicamente não só no contexto da localidade e sobretudo, no contexto do município de Canhotinho. Sendo um dos fatores primordiais para que a sua figura ganhasse rapidamente essa projeção política, foi a difusão da idéia do homem sensibilizado e toda a propaganda de promoção pessoal que envolveu a figura em questão, pois, “[...] a propaganda[...] desempenha, portanto um papel fundamental na moldagem de uma mentalidade coletiva[...]”³⁹. A propaganda e a promoção pessoal são os principais meios utilizados pelo mito, para que suas concepções sejam aceitas pela coletividade.

Quando em diversos discursos o Sr. Antônio Dourado, ressalta a sua ida à Canhotinho para pedir ao prefeito que tomasse providências para com o cemitério de Lajedo e toda a história da devolução do dinheiro, traz a tona a idéia do homem que tomou para si a condução da localidade isolada e tentou conduzi-la ao futuro ou “progresso” que já lhe estava reservado. Pois, foi através desta imagem mítica, que

³⁹ MIGUEL, Luis Felipe. apud. acesso em 16/12/2009.

prevalece até hoje, do jovem médico sensibilizado com a situação desoladora que passava a população e tomou para si a tarefa de resolução do problema, que trouxe, gradativamente, à esta figura um lugar no imaginário social, de onde o Sr. Antônio Dourado passou a figurar de um papel a parte, para se tornar o mito, “Dr. Dourado”.

O título deste ponto faz menção a uma alcunha recebida pelo Sr. Antônio Dourado, a partir de um poema intitulado “A árvore da paz”, produzido por uma moradora da cidade no ano de 1976 (ver o poema completo no anexo), onde ela compara o Sr. Antônio Dourado como sendo uma *baraúna*, árvore típica da região que tem como principal característica a madeira forte e bastante dura. A dedicatória deste poema traz a seguinte frase: “[...]ao Dr. Antonio Dourado criador e benfeitor do município de Lajedo[...]⁴⁰, no poema, a autora retrata Lajedo, como sendo uma terra triste e desolada e seu povo bastante oprimido, realidade esta que a autora menciona ter mudado com o nascimento de uma árvore, representando a chegada do Sr. Antônio Dourado à vila, o que possibilitou, segundo a autora, a melhoria da vida de todos, onde a árvore muitas vezes chamada de amiga, benfazeja, benfeitora, salvadora cobria com seus ramos todos aqueles que procurassem sua sombra, onde pode-se perceber no seguinte fragmento: [...] Encontrando a Árvore Benfazeja, Fizeram-na, o seu culto, A sua Igreja[...]⁴¹, a árvore é colocada em um patamar superior de onde é cultuada e admirada por todos. A autora ainda faz menção aos lenhadores (adversários políticos), que tentaram assassinar a velha árvore, porém ela ressalta:

[...]
Suas raízes fincaram-se no solo,
Os seus frutos sazonados,
Já caíram em terra,
Sua semente já germinou,
Seu rebento sadio a paz encerra,
Floriu, cresceu,
Como a velha “Baraúna”, continua
Levando avante o berço em que nasceu.[...]⁴²

Mostrando assim, que apesar da ameaça dos lenhadores, a árvore fincou raízes na terra e frutificou, indicando que apesar dos contratemplos a árvore saiu vitoriosa, pois

⁴⁰ CAVALCANTI, Maria Augusta Godoy. Poema: A árvore da Paz. Lajedo 18 de outubro de 1976. Manuscrito.

⁴¹ CAVALCANTI, Maria Augusta Godoy. apud, p.2

⁴² CAVALCANTI, Maria Augusta Godoy. apud, p.7

ela não esta perpetuada apenas na sua madeira resistente, mas sim, no imaginário e na memória de toda a população que a rodeia.

Entorno da personalidade do Sr. Antônio Dourado, surgiu toda uma mitificação de que ele é o verdadeiro emancipador da cidade. E é entorno deste discurso que sua personalidade foi sendo ressaltada em detrimento à participação dos demais atuantes. Muitas vezes em depoimentos e entrevistas prestadas pelo Sr. Antônio Dourado, ele se utilizava de uma conjugação verbal que impossibilitava a idéia de coletivo, como: “fui ao Recife”, “era meu conhecido”, “vamos fazer de sua terra”, “tudo começou com a minha gestão”, “o governador me indicou a emancipação”. Seus discursos, na maioria das vezes, estavam carregados de uma promoção pessoal, exaltando o seu papel na história recente do município. Foi com essa junção, de características pessoais, profissionais e discursos acalorados de sua participação na história do município aliado a necessidade do ser humano de buscar em outras pessoas, características que sejam consideradas modelos de valores morais ou dignas de admiração, que o Sr. Antônio Dourado Cavalcanti, consciente ou inconscientemente, conseguiu se projetar na localidade onde residia e tornar-se uma figura mítica do imaginário da população lajedense, perpetuando assim, sua história de triunfo e sucesso que se estende até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política é sem dúvida um campo amplo e propício de várias interpretações, onde a objetividade e subjetividade caminham lado a lado na busca incessante pelo poder de controle de massa. Ao longo desses sessenta e dois anos a idéia de que a emancipação política de Lajedo foi um processo que envolveu várias pessoas é, no entanto, desconhecida da maioria da população, pois o que pode-se perceber é a manutenção de discursos que exaltam a figura do Sr. Antonio Dourado com a conseguinte exclusão de uma participação da coletividade durante o processo emancipatório.

Através de uma análise conceitual da política, do mito político e das relações de poder aliados a memória e o estudo da oralidade como fonte histórica, trouxeram a este trabalho um caráter de abordagem pouco discutida na historiografia local. Sinalizando a idéia de que a emancipação política de Lajedo foi processo gradativo e que possuiu o envolvimento de vários segmentos da sociedade lajedense, distanciando-se assim de uma história positivista centrada no mito político local.

Com base na análise da bibliografia, dos documentos oficiais e da oralidade dos depoentes, esta pesquisa trouxe uma nova interpretação a respeito da emancipação política de Lajedo. Pois, buscou-se responder inquietações e, sobretudo esclarecer a história local que se apresenta cíclica e superficial e que através da pesquisa surge instigante com suas contradições e interrogações. Portanto, necessitando ser revista não para satisfazer as aspirações das classes políticas dominantes, mas com o objetivo de fomentar um embate, entre a historiografia oficial e uma nova forma de conceber a história desprovida de características parciais.

REFERÊNCIAS

• BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Paulo. **Álbum Histórico de Lajedo**. Lajedo: s/e,1949. 140 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, vol. 1. Magia e técnica, arte e política**, trad. S. P. Rouanet. São Paulo: 3º Ed. Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos**.3ª Ed. São Paulo : Companhia das Letras,1994.

BURKE, Peter (org.); trad. Magda Lopes. **A escrita da história – novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 15ªed. São Paulo: Globo, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. 440 p.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção primeiros passos; 24). 122 p.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 2ªed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção primeiros passos; 54). 109 p.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6ª ed. São Paulo: Contexto,2007.

SILVA, Antonio de Oliveira e. **Lembranças da Primavera: Memórias**,1ªedição. Lajedo: Ed. do autor,1995. 151 p.

VILAÇA, Antônio. **Livro de memória**. Arquimedes Edições, Rio de Janeiro. 230 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro- RJ: Nova fronteira, 2001.

- **PERIÓDICOS**

BARBOSA, Tiago. Morre o homem permanece a história. **O Jornal**, Lajedo, abril de 2010. Especial.

CHINA, Wilson. Entrevista com Arlindo Ferreira da Silva. **Jornal Tribuna Lajedense**, Lajedo, dezembro de 2005. Especial.

_____. A saga de Antonio Dourado completa 96 anos. **Jornal Tribuna Lajedense**, Lajedo, setembro de 2005. Especial.

FERRY, Maurício. Um século de conquistas. **Folha de Pernambuco**, Recife, 30 de setembro de 2009. Grande Recife.

OLIVEIRA, Ana Paula de, et.al. Marcos Vilaça fala à Folha Lajedense. **Folha Lajedense**, Lajedo, outubro de 1987. Entrevista

PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO. Histórico da Paróquia. **O jubileu**, Lajedo, 16 de fevereiro de 1966.

- **ELETRÔNICAS**

MIGUEL, Luis Felipe. **Em torno do conceito de mito político**. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000300005&lng=em&nrm=iso&tlng=pt acesso em 16/12/2009

- **MANUSCRITA**

CAVALCANTI, Maria Augusta Godoy. **Poema: A árvore da Paz**. Lajedo 18 de outubro de 1976. Manuscrito.

- **ENTREVISTAS**

Antônio de Oliveira e Silva. Lajedo, 23/04/2010. Questionário produzido e entregue por Moura Kleberson dos Santos e Jaqueline Pereira de Mesquita.

Lindalva Gomes de Melo. Lajedo, 10/04/2010. Entrevistada por Moura Kleberson dos Santos. Técnica de Jaqueline Pereira de Mesquita.

ANEXOS

Entrevistas

Entrevistado: Sr. Antônio de Oliveira e Silva

Lajedo, 23 de abril de 2010

Observação: A pedido do Sr. Antônio de Oliveira, esta entrevista se deu por meio de um questionário.

1. Qual é o seu nome completo e onde o Sr. Nasceu?

A.O.S: Antônio de Oliveira e Silva. Aqui mesmo em Lajedo, sendo meu pai adotivo, Pedro Ferreira da Silva, descendente dos nossos fundadores.

2. Como a vila de Lajedo aceitou a chegada da BR 423 no ano de 1934?

A.O.S.: A BR. a que você se refere (423) não foi inaugurada em 1934, é bem mais atual, nossa contemporânea. A estrada antiga, sim. Construída de terra batida e piçarro, possuía um traçado totalmente diferente, passando, inclusive, pelo centro da vila.

3. Quem foi Napoleão Teixeira de Lima?

A.O.S.: Influente negociante de Jupi que possuía transações comerciais em Lajedo.

4. O que mais lhe marcou no ano de 1948?

A.O.S.: Acredito que nada. Àquela época era apenas um adolescente, desligado dos acontecimentos importantes.

5. O Sr. Participou do processo de emancipação política de Lajedo? Como?

A.O.S.: Não. Apenas como testemunha dos acontecimentos.

6. Como era Lajedo antes da emancipação política? O comércio, a feira, a vida cultural, etc.?

A.O.S.: Você encontrará esses dados em meu livro Lembranças da Primavera e no livro de José Paulo Barbosa: Álbum Histórico de Lajedo.

7. Canhotinho dava assistência a vila?

A.O.S.: Geralmente as sedes municipais jamais dão a assistência devida a seus distritos. Canhotinho não poderia fugir a regra.

8. Para o Sr. O que motivou a emancipação da cidade?

A.O.S.: A gota d'água no processo foi a derrota do Dr. Antônio Dourado, candidato a prefeito de Canhotinho numa eleição disputada com o Sr. Manoel Vidal e considerada fraudulenta. O resultado enfureceu os lajedenses, precipitando, assim os acontecimentos.

9. O desejo de emancipar Lajedo partiu de uma pessoa ou de um grupo?

A.O.S.: Acredito que de um grupo, para não dizer da população inteira.

10. Quem estava envolvido no processo de emancipação de Lajedo?

A.O.S.: Várias personalidades, merecendo destaque os Srs. Professor Antônio Vilaça, Tabelião José Firmino Burgos e o Médico Dr. Antônio Dourado.

11. Existia algum grupo de pessoas que se reuniam para discutir a emancipação da vila?

A.O.S.: Naturalmente, dada a importância do assunto, era motivo das conversas e especulação de toda a comunidade.

12. A emancipação da cidade foi resultado do trabalho de uma só pessoa ou de mais de uma?

A.O.S.: Esta resposta foi praticamente dada no item 09.

13. Houve participação popular na emancipação da vila?

A.O.S.: Idem o item anterior.

14. Quem foi o professor Antonio Vilaça?

A.O.S.: Intelectual lajedense, radicado na cidade de Limoeiro, onde foi vereador, prefeito, jornalista, escritor e cooperativista. Foi atendendo ao seu pedido que o deputado Heráclio do Rego apresentou projeto à Assembléia Legislativa desmembrando o distrito de Lajedo do município de Canhotinho, transformado na Lei nº 377, de 24.12.1948, sancionada pelo Governador Barbosa Lima Sobrinho.

15. Quem foi José Homem de Lucena?

A.O.S.: Inspetor fiscal da região e bastante identificado com os problemas de Lajedo.

16. Quem foi Simpliciano Cardoso?

A.O.S.: Comerciante, sub-delegado, barbaramente assassinado em 1950.

17. Quem foi José Firmino Burgos?

A.O.S.: Descendente dos fundadores de Lajedo, oficial do Registro Civil, depois Tabelião de Cartório Único de Lajedo. Foi também prefeito.

18. Quem é Francisco Rosa?

A.O.S.: Ex-comerciante, ex-vereador e ex-prefeito, agora aposentado.

19. Quem foi Guilhermino Virgulino de Sobral?

A.O.S.: Agricultor e primeiro prefeito(nomeado) do recém criado município de Lajedo.

20. Quem é Arlindo Ferreira?

A.O.S.: Descendente dos fundadores, intelectual, foi vereador em várias legislaturas, vice-prefeito, ator teatral, exator da Receita Federal, função na qual se aposentou. Foi ainda várias vezes do antigo Clube Diversional de Lajedo. Hoje se encontra afastado da vida pública.

21. Qual foi a participação destes nomes citados acima na emancipação de Lajedo?

A.O.S.: Efetivamente todos eles, dentro de suas áreas, possibilidades e limitações, deram sua parcela de cooperação no processo de nossa autonomia política.

22. Por que o deputado Armando Q. Monteiro não apresentou o projeto de lei para emancipar Lajedo? E o que levou ao deputado Heráclio do Rego a fazê-lo?

A.O.S.: Naturalmente faltou-lhe interesse político para o fazer. O mérito coube tão somente ao deputado Heráclio do Rego, como explicado no item 14.

23. O Sr. Poderia acrescentar alguma informação acerca da emancipação, que nossas perguntas não mencionaram?

A.O.S.: Nada a acrescentar.

24. Reservamos este ponto para o Sr. Fazer suas considerações finais acerca da emancipação de Lajedo?

A.O.S.: Nenhuma consideração a fazer. Obrigado.

Entrevista com duração de 18 minutos e 30 segundos

Entrevistada: Sra. Lindalva Gomes de Melo

Lajedo, 10 de abril de 2010

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Vou ter que ficar bem pertinho da senhora, viu? Eu queria saber o nome, o nome da senhora?

Lindalva Gomes: Meu nome é Lindalva Gomes da Silva, era antigamente, quando eu me casei com o simples, era Lindalva Gomes de Melo, agora depois que eu casei, no civil, tomei parte 1º do nome dele, não é assim que se fala? Pois assim eu fui, me casei em 1940, foi, foi em 1940 na igreja daqui de Lajedo, padre, padre Tacíssio de Caruaru, de Garanhuns, me casei num dia de sábado e agente fez uma festinha, fizeram essa besteirada,

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Aí, a senhora nasceu aqui em Lajedo mesmo?

Lindalva Gomes: Nasci em São Bento do Una! É, meus pais moravam lá na fazenda perto de São Bento, num sabe? Quer dizer era município de São Bento, é eu me batizei lá.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: É e como é que a senhora veio morar aqui?

Lindalva Gomes: Bom, eu vim morar aqui, com uma tia, tio maneco, manequinho, Manoel Ferreira dos Prazeres, que também sai muito em jornal aqui e que era meu tio e eu, novinha vim pra casa dele, pra estudar com dona Júlia Costa, minha professora era dona Júlia Costa.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Hó, dona Lindalva a respeito de seu Simpliciano Cardoso...

Lindalva Gomes: Eu vou entrar agora no assunto!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Ele trabalhava com quê?

Lindalva Gomes: Ele era empregado de Antônio Marcelino, ele era balcão, balcão.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Mas, depois ele veio a se tornar alguma coisa aqui, na...?

Lindalva Gomes: Foi quando eu me casei, a, a, quando nós se casamo, demos quase 1 ano, ele trabalhando, com Antônio Marcelino, viu? Quando, foi um belo dia, eu dei a luz a minha 1ª filha, que ele passou o dia em casa, ele passou o dia em casa recebendo assim, os amigos, que eram muito, bebia um cachimbinho né? Ele gostava duma cerveja viu? Mais nunca se embebedou não, coitado! Bichinho!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Como era seu Simpliciano, ele tinha muitos amigos?

Lindalva Gomes: Há, ele tinha um mundo cheio de amigo, ele chegava em casa, eu dizia, chega simples, vamo dormir, não, não eu vou... você passa o dia todinho com seus amigo e de noite. Foi no dia da morte dele que aconteceu isso, porque ele, ele... houve a festa do socorro, não é? Desde a festa do socorro, que o sujeito tava tucalhando ele. Aconteceu que na, depois do domingo, foi a procissão de nossa senhora do socorro e ele foi pra rua, e eu disse criatura: vem descansar, tú não disseste que tais tão cansado? Vem, vem, não, não. eu vou até alí, já chego, eu já chego, chego nesse instante e quando ele chegou foi 11:00 horas da noite, eu já tava dormindo à tempo, eu tava dormindo, ví foi bater na porta, ele dizia assim, meu quarto é no pé da porta, a minha cama pegava na porta quando eu abro a porta, eu num vejo uma criatura, vejo uma pessoa coberta de sangue, coberta de sangue, eu digo: simples o que foi isso? Ele disse: foi Antônio do padre! Aí eu disse: você tava bebendo com ele, e ele disse: não! Cê discutiu com ele? ele disse: não, eu sou inocente, manda chamar Dr. Dourado, mande chamar o chofé e vá atrás de Dr. Dourado, aí ele ainda é vivo o chofé, é, é, o esposo de uma de... é, num sei mais não,

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Seu basto?

Lindalva Gomes: É seu basto, mesmo! seu basto! Aí ele trouxe o doutor, deixa que ele já tava sendo medicado pela uma médica de dona, de dona Edir Crespo, que elas tinha uma médica, aí vai levar ele pra Garanhuns, aí ele disse: pega, manda chamar basto! Pra trazer Dr. Dourado, pra mim me levar pra Garanhuns ou Caruaru, Garanhuns, aí mais num deu tempo! Quando ele foi buscar Dr. basto, Dr. Dourado, que quando chegou, ele morreu.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Hó dona Lindalva é... A senhora sabe me dizer, se seu Simpliciano Cardoso, ele se envolveu na política daqui de lajedo?

Lindalva Gomes: bom!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Na época?

Lindalva Gomes: Ele ia se candidatar, ele tava prometido se candidatar, como fazer, ele e Chico Bráz, Chico Bráz era uma criatura muito assim, que o pessoal não simpatizava muito que ele era muito grosso, muito sem educação, viu? Mais Simples não! Simples era um menino matuto, que ele foi criado também no sítio e veio pra rua trabalhar com esse seu Antônio Marcelino, que quando eu, eu dei a luz, que ele ficou o dia em casa, porque naquele dia, dia de domingo o comércio era aberto o dia todo, era muito atrasado viu? Aí ele... brigou com ele fez um barulho, com ele, era dia dele tá no negócio, não em, em casa chalerando mulher, etc, aí ele se aborreceu no outro dia, pediu as contas, pediu as contas, aí, aí, olhe, foi seu Elias de oliveira, foi a, a boxel que veio lá em casa, na minha casa, atrás dele pra trabalhar, que ele era fino no trabalho, ele sabia trabalhar, era um, uma tudo delicado, muito assim, carinhoso, assim, e ele falando com

agente, ele porque tudo ele arranjava pra gente, não ele não, você podia, pedia coisa bem difícil e ele dizia: olha eu não te prometo, mais eu vou ver se faço! E fazia!

Moura kleberon pergunta à Lindalva Gomes: Hó dona Lindalva, é a senhora sabe me dizer se, se seu Simpliciano saía às vezes assim pra conversar, do tempo da emancipação de lajedo? ele chegava comentando isso em casa?

Lindalva Gomes: Chegava! Comentando que essa casa aqui, veio a política que ele ia se candidatar, eu digo, simples: tú vai perder! e ele dizia: não! num vô não! aí era com ele... Agora o outro tinha muito ciúme dele porque, ele era bem quisto na turma toda, sempre é porque eu não sei mais o nome das pessoas...

Moura Kleberon: Num tem problema não!

Lindalva Gomes: Viu? Ele tinha uma mensagem medonha de grande, muito fino! Ele duvidava você beber cerveja com, de você pagar, era ele tudo ele quem pagava! Aí ele começou, vamos fazer uma bodeguinha, começou lá na esquina, onde hoje é o banco do, do, aquele banco, mercadinho do povo né? Na esquina, como se vai pro poço...

Moura Kleberon pergunta à Lindalva Gomes: o do lar?

Lindalva Gomes: Há sim, o do lar, aí alí nois negociava, tinha uma bodeguinha, desse tamaninha, aí ele comprava cereais, que ele era que trabalhava na casa dele, no dia de 4ª feira, na casa de Antônio Marcelino, era, não, deixava o balcão, e eu ficava no balcão, eu e mais 2 moça, ficava no balcão e ele veio trabalhar na balança, que ele todos eles fazia, tudo ele fazia, aquela pelada toda, toda era ele, ele era responsável por aquilo tudo, aí ele, ele brigou com ele e ele no outro dia deu as contas, as contas, ele saiu naquela época e ele recebeu 50, 500 reis, naquele tempo era réis, era réis, 50 mil réis, 50 mil réis, aí ele disse: olhe Lindalva, com esse vamo fazer nossa bodeguinha, aí você vai sair, você vai sair sim, e a casa, lá eu arranjo uma casa de b. Alexandre pra gente morar, aí eu tomei conta do balcão e ele tomou conta dos cereais, ele na balança, não tinha caminhão, a mercadoria que no dia que ele comprava, o dia da 4ª feira era 3, 4 carro de feijão, milho, mamona, algodão tudo isso ele comprava, de tarde ele vendia, vendia aos dos caminhões que vinha buscar e levava, ele dava o dinheiro pra dar as pessoas que tumava emprestado, o padre era quem fornecia dinheiro pra gente e fazia aquele feira, aí foi assim, ele com pouco tempo, com 2 anos. ele já tava melhor, ele tava muito bem! Ele deu balanço, olhe, quando ele morreu quem assinou o balanço, que eu, ele disse: olhe Lindalva nós temos haver 20 mil reais, aí eu digo: que bom João ter dito, simples! Que bom simples, você é vivo e se deus quiser, olhe eu vou aumentar, ele até disse: eu vou me bora daqui de lajedo, oxente vou morar em caruaru, e nois tava pronto pra ir morar em caruaru, aí ele morreu naquela noite, um dia de terça feira, que coisa absurda!

Moura Kleberon pergunta à Lindalva Gomes: Hó dona Lindalva, é a senhora, a senhora se lembra quando e foi declarado que Lajedo era município já?

Lindalva Gomes: Já, ele já era... vivo

Moura Kleberon pergunta à Lindalva Gomes: em 48?

Lindalva Gomes: Já!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: ele participava daquelas...

Lindalva Gomes: Participava sim, ele participava de tudo! eu tinha uma raiva, eu ficava de engolir ele... que eu nem gosto da, da infame da política, e eu cansei de dizer, e nesse tempo viu? aí o negócio, ele dizia: que foi uma mulher que matou ele, foi uma mulher que namorava com a mulher com o empregado de Chico Bráz, mais era mentira, ele disse na hora, que ele tá morrendo, ele disse: Eu sou inocente! Eu sou inocente!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Hó dona Lindalva, é a senhora sabe me dizer se, seu Simpliciano Cardozo tinha amizade com seu Guilhermino Paulo?

Lindalva Gomes: Muita! virge Maria! era, era os Paulos, Hernesto Paulo, nera? era Hernesto Paulo, era Antônio, esse que mora... num sei se ele é vivo? É, é seu Zé Paulo, Chico Paulo, que era meu cumpade, finalmente a família toda...

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: mais, mais...

Lindalva Gomes: Olha aqui, todo mundo gostava dele, todo mundo! Só não gostava quem queria ser mais que ele, como Chico Bráz, foi ele quem mandou matar meu marido, fiquei com 4 filhos a, a mais velha tinha 9 anos!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Aí a senhora, a senhora sabe me dizer se seu Simpliciano, ele se reunia com os amigos assim, pra discutir sobre a emancipação de lajedo?

Lindalva Gomes: Era, toda era uma na noitinha que eles faziam no meio da rua era: Chico Bráz, era seu Zé Paulo, era cumpade Chico Bráz, Chico Paulo, era Zé Carça larga, era seu José, seu José, era uma amigo dele muito grande, amigo que foi minha testemunha de casamento, Zé Jordão, mais Zé Jordão era o pano dele...

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: A senhora, a senhora chegou a conhecer seu José home de Lucena?

Lindalva Gomes: Conheci!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Ele também era amigo de seu Simpliciano?

Lindalva Gomes: Ele via muito lá em casa, vivia muito lá era mais simples, almoçava, bebia lá em casa, e ia, e, e eu quando ia passando, perguntava se tinha, se tinha suco, se tinha feito, não vou fazer! não, não, vô me embora, aí ia se bora vexado, que ele era muito vexado, ele era muito assim, engolia um bucado da porta da frente!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Como era lajedo, Canhotinho dava assistência aqui?

Lindalva Gomes: Canhotinho, muita assistência quando, se queria qualquer coisa advogado, doutor, era de canhotinho!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: é... seu Simpliciano Cardoso chegou a ter, a comentar o que tava motivando a emancipação de Lajedo?

Lindalva Gomes: Não, não me lembro não! Eu não me lembro não!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: A senhora não sabe me dizer assim, se tinha algum fato que ocorreu para que o povo quisesse emancipar Lajedo?

Lindalva Gomes: Há! A vontade aqui era grande pra ficar Lajedo uma cidade. Dr. Dourado era um dos cabeças...

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Aí tinha ele? Tinha mais alguém que a senhora podia citar, mais algum nome?

Lindalva Gomes: Olhe era uma muitinha, quando você procurava simples, já encontrava simples, Zé Carça larga, seu Zé Batista, os empregados que ele era muito carrasco, ele era muito carrasco, viu? Era duro assim, sério!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: A senhora, a senhora, a senhora pelas conversa, com seu Simpliciano Cardoso sobre, ele chegou alguma vez a comentar, se o desejo de emancipar Lajedo era dele ou de algumas pessoas, ou se era do grupo todo?

Lindalva Gomes: Era do grupo todo! Era do grupo todo!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Ele sempre conversava?

Lindalva Gomes: Ele conversava, era o assunto dele, eu dizia: heita! ele já almoça, janta, ceia a conversa desse povo, te aquieta dentro de casa! há é? ele se zangava, se aborrecia: há eu num sou dominado por mulher, não!

moura kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Hó dona Lindalva a senhora chegou a ouvir, falar no deputado Heraclio do rego?

Lindalva Gomes: Heraclio do rego? Falavam, num me lembro não! Eu era muito caseira, viu? Ele dizia que: mulher dele, era pra viver dentro de casa, criando os filhos.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: A senhora chegou a conhecer seu Antônio Vilaça?

Lindalva Gomes: Demais! Vige! Demais! Demais!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Ele convivia com seu Simpliciano Cardoso?

Lindalva Gomes: Convivia! Chico, como foi? Antônio Vilaça, Pedrinho Vilaça, Pedrinho, tem outro, Hernesto Vilaça, assim e tem outro Esmael parece, que ele me comprou um caminhão quando simples morreu, ficou três caminhão, aí eu vendi um a ele, eu troquei pelo um carro e ele tinha comprado um carro muito bonito, aí eu fiquei com vontade no carro, aí troquei o caminhão com o carro.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: **Hó dona Lindalva, quando foi anunciado que Lajedo era cidade?**

Lindalva Gomes: Ave Maria! Foi uma festa! Num sei quantos dias, o povo aqui, soltando fogo e dando parabéns e bebendo cerveja porque foi tudo, foi, foi, agora é cidade! Agora é cidade.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: **E a senhora, a senhora sabe informar quem, quem assim tava por trás de tudo? Sempre organizando essas coisas, se seu Simpliciano também participava?**

Lindalva Gomes: Era, era o Chico Bráz, era Chico bra... bra... como é? Chico Vilaça, o pai de Chico, Chico sebo, se lembra dele? Há você num se lembra não!

Moura Kleberson: **Há eu já ouvi falar!**

Lindalva Gomes: Chico sebo, cumpade Chico sebo, era morto, vivo atrás de, de, de emprego, pra ser empregado dos outros.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: **Aí, aí então quando anunciaram que lajedo era cidade, a festa...**

Lindalva Gomes: Foi uma festa! Foi uma festa, que as festas daqui, daqui eram boas, viu? vinha música de são bento, vinha música de belo jardim era, era hoje. já não existe, mais festa aqui, hoje é uma bagunça né? Já houve festa aqui, tudo feita por eles, por agente, com o nosso dinheiro.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: **E o seu Simpliciano sempre colaborou?**

Lindalva Gomes: Ele saia com tudo, era quem sempre tinha mais dinheiro, era simples, ele sempre ia...

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: **Tá ok, obrigado dona Lindalva...**

Lindalva Gomes: Só foi isso, só isso...

Moura Kleberson: **só foram essas as perguntas mesmo...**

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: **Hó, hó dona Lindalva quase que eu me esqueço a senhora falou agora em túmulo e eu queria lhe perguntar uma coisa: é a senhora se lembra quando o cemitério era lá, lá na 19 de maio?**

Lindalva Gomes: Me lembro demais!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Como foi que eles transferiram pra cá pro santo Inácio?

Lindalva Gomes: Tomaram conta, hó assim, hó aqui fizeram aqui, fizeram aqui o santo Inácio, então todos e foi, foi, comprando as casas, ali aquelas casas todinha, dali foram compradas por quem meu deus? Foi um grande daqui, foi Antônio Marcelino, que lá tem uma casa que ele construiu ali, aquelas casas foi tudo ele que construiu pra alugar.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Aí, no caso ele fecharam o cemitério de uma vez ou aos poucos?

Lindalva Gomes: Foi aos poucos, aos poucos... Às vezes chegava o defunto, este daqui, se já tivesse o canto que ele soubesse já vinha pra cá e ficava o canto livre e assim foi!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Então a senhora sabe quem doou as terras que foram do cemitério de santo Inácio?

Lindalva Gomes: Não! Ele doou não, ele comprou.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Quem comprou?

Lindalva Gomes: Antônio Marcelino.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Antônio Marcelino.

Lindalva Gomes: Foi comprou para fazer casa pra ele vender, pra ele alugar.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: do santo Inácio, a senhora sabe quem mandou construir?

Lindalva Gomes: Há, foi o povo todo! Foi lajedo todo, foi lajedo todo!

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: aí...

Lindalva Gomes: Porque aqui não se fazia nada a não fosse todos da nossa cidade, pra nossa cidade.

Moura Kleberson pergunta à Lindalva Gomes: Então o povo de Lajedo era bem unido, naquela época?

Lindalva Gomes: Era bem unido, tudo amigo, muito amigos, muito amigos, aí eu dizia amigos só porque você tem dinheiro.

PROJETO Nº 66 DE 7 DE JUNHO DE 1948



ESTADO DE PERNAMBUCO
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

R. 16746

19 48

Projeto

N. 66

CÓPIA

Assembléa Legislativa do Estado de Pernambuco

DECRETA:

- Art. 1º. Fica criado o município de Lagedo.
- Art. 2º. Para formação do território do novo município ficam desmembrados do município de Canhotinho os distritos de Lagedo, que será a sede, e de Calçados.
- Art. 3º. Ao novo município serão anexados os distritos de Jupy e Jucati pertencentes ao município de Angelim e Pissirongara, do município de Altinho.
- Art. 4º. Revogam-se as disposições em contrario.

JUSTIFICAÇÃO

O distrito de Lagedo, do município de Canhotinho, é um dos mais prósperos do Estado, devendo o seu progresso a iniciativa particular. Muito justo que se recompense o labor dos lagedenses concedendo-lhes autonomia o que contribue aspiração máxima. A tendência, hoje é amparar os núcleos prósperos atendendo-os naquilo que seja causa eficiente de seu mais rápido desenvolvimento. Esta neste caso a vila de Lagedo que com a independência duplicará em poucos anos graças a fertilidade de seu solo e a posição privilegiada em que se situa. O distrito de Lagedo se enquadra em todos os itens da Lei de Organização Municipal, no que tange as exigências para a criação de um município. Se não, vejamos os dados estatísticos compilados escrupulosamente para dar a base a esta justificação do art. 1º. desta lei:

RENDAS—No ano de 1947 cujo inverno irregular muito prejudicou a agricultura, fonte principal de riqueza do distrito a arrecadação para o município ultrapassou a cifra de R\$ 160.000,00 (cento e sessenta mil cruzeiros)



1948

Projeto

N.66

CÓPIA

Assembléa Legislativa do Estado de Pernambuco

DECREJA:
(continuação)

afora o imposto de Industria e Profissão no valor global de R\$. 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros) cobrado pela Coletoria Estadual.

PREDIOS E HABITANTES: O distrito do Lagêdo tem na sede 670 (seiscentos e setenta) predios de alvenaria e a população de todo o distrito pelo ultimo recenciamento, foi de 13.400 almas. Predomina o regime da pequena propriedade o que se prova com o elevado numero de 1.200 proprietarios rurais.

ESTRADAS: Lagêdo fica numa encruzilhada. É cortado pela estrada central que une Caruarú e Garanhuns e pela estrada que liga Canhotinho a São Bento do Una. O projeto da estrada que o Estado está construindo através de Catende, Quipapá e Jurema vai encontrar em Lagêdo a estrada de Caruarú a Garanhuns. Portanto Lagêdo está otimamente servido de otimas estradas conservadas pela D.E.R.

COMERCIO: A feira de Lagêdo somente é superada pela de Caruarú. Ela reúne mais gente que as feiras de Garanhuns, Canhotinho e S. Bento.

Comprova-se esta assertiva pelo numero de casas comerciais que passamos enumerar:

- 1 movelaria - 3 hotéis com hospedaria - 3 bars com fridairas - 2 farmacias - 2 armarinhos - 4 barbearias - 8 agencias de oleos combustiveis - 8 padarias - 33 casas de estivas e ferragens - 1 armazem grossista - 36 armazens de compras de algodão e cereas - 2 armazens de compra de peles - 4 armazens de compra de fumo.

INDUSTRIA: Para o tamanho do lugar Lagêdo possui uma industria incipiente porém bastante desenvolvida.

778



19 48

Projeto

N. 66.

CÓPIA.

Assembléa Legislativa do Estado de Pernambuco

DECRETA:

(Continuação)

Enumeramos para melhor compreensão. 4 carpintarias - 3 oficinas mecânicas com serviço de solda a oxigenio e pintura Duco - 2 oficinas de ferreiro - 3 fabricas de bebida - 3 casas de pirotecnicos - 5 alfaiatarias. MELHORAMENTOS DISTRITAIS - Lagêdo é sede de paróquia. Tem duas igrejas catolicas e uma do credo presbiteriano. Tem um medico com consultorio e dois dentistas com gabinete. Tem um açougue cadeia e cemiterio unicos melhoramentos que o distrito deve ao municipio.

DIVERSÕES - Lagêdo possui uma sociedade esportiva com campos de volei e futebol; possui um regular cinema falado com perfeito serviço de alto-falantes e energia propria; possui dois bilhares com sinucas e mais outro serviço de alto-falante pertencente tambem a um particular.

VEICULOS - Existem trafegando devidamente registrados 16 caminhões, 5 au tomoveis de aluguer e 126 carros de tração animal além de uma garage para aluguer de bicicletas.

COOP. AGRO PECUARIA - Digno de especial registro é a Coop. de Credito a qual tem 257 associados e com capital realizado de \$ 55.000,00. A Coop. mantem um serviço de luz publica em otimas condições.

TERRITORIO DO NOVO MUNICIPIO - É desejo dos habitantes de Calçados, Jupy Jacati e Passirongara ficarem pertencendo ao novo municipio em vista de estarem proximos de Lagêdo e a esta vila ligados por boas estradas o que não acontece com as sedes dos municipios a que pertencem.

Vejamos: CALÇADOS - dista de Lagêdo 9 quilômetros e de Canhotinho 36 servido por pessima estrada. Passirongara dista 9 quilometro de Lagêdo ao qual é ligado por excelente estrada e fica a 30 quilometros de Altinho sem qualquer estrada para automovel. Jupy e Jacati distam respectivamente 12 e 15 quilbmetros para Lagêdo ao qual se liga pela estrada Caruarú-Garanhuns distando 28 e 30 quilometros para Angelim sendo servido por estrada pessima intransitavel no inverno. Os demembraentos acima

779

086

(an) Herculio Moraes de Rêgo
 Luis de Magalhães Neto
 José Francisco de Mello Cavalcanti
 Nelson Barbosa
 Deão Valente
 Edison Moura Fernandes
 Mito Coelho.

Esta das sessões de 7 de Junho de 1943

Estudios em nada prejudicam o desenvolvimento que fica com enorme area de ves
 que Lagoa e Calgado representam 35% do seu rico territorio ao qual
 ainda ficam pertencendo a sede Lagoa, Engenharia, Olho d'agua de Dentro,
 Usina Gravata e Fazenda Macaúba todos com feitura e regular comercio. Fina
 ficando e preciso que se diga ser justo conceder-lhe autonomia e um dis-
 trito com os melhoramentos e melhoramentos todos estes que se tratam do
 labor particular. Lagoa que é um entroncamento rodoviario dos mais no-
 tavels com um grau de instrução ainda não desmembrado como era para
 desolado, necessita de se dividir autonomamente sem as redes de municí-
 pio que com pouco contribue para uma mais vantajosa marcha de progresso.
 Outros esboços e estudos oportunos e devidamente tratados e bem para que os
 seus deputados melhor se apercebem das vantagens que trata o Estado a
 criação deste e de outros municípios em identicas condições.

(Continuação)

DECRETA:

Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco

CÓPIA.

19 45

Projeto

N. 66.



ESTADO DE PERNAMBUCO
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

DIÁRIO OFICIAL COM A LEI Nº377 DE 24 DE DEZEMBRO DE 1948

DIÁRIO OFICIAL



ESTADO DE PERNAMBUCO

ANO XXV — Nº 290

RECIFE — TERÇA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1948

DIÁRIO DO PODER EXECUTIVO

LEI Nº 375 DE 21 DE DEZEMBRO DE 1948

Cria o Município de SANHARÓ.

O Governador do Estado de Pernambuco :

Faço saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte resolução :

ART. 1º — Fica criado o Município de SANHARÓ, constituído dos territórios dos distritos de Sanharó e de Jenipapo, exclusive o povoado de Santa-Teresinha, desmembrado do Município de Pesqueira, segundo os limites constantes do artigo imediato.

ART. 2º — Os limites do Município de Sanharó são os seguintes : com o Município de Pesqueira : a começar do centro da Lagoa do Sebastião, nos limites do Município de São-Bento-do-Una, por uma reta até a foz do Riacho Papagaio, no Riacho Liberal ; daí ponto a linha reta, diretamente, para a cachoeira Camorongo, no Rio Ipojuca ; desta cachoeira por uma reta, ao ponto mais alto da Serrinha (de Antônio Feliz) ; daí rumo direto à nascente do Riacho Fundo, no lugar Calhans ; deste ponto vai à Lagoa-Verde nos limites com o Município do Belo-Jardim. Com os Municípios de Belo-Jardim e São-Bento-do-Una : a começar do ponto de intersecção da linha que divide com o Município de Pesqueira, segue pelos limites estabelecidos pelo Decreto-Lei nº 952, de 31-12-1943, que fixa a Divisão Judiciária e Administrativa para o quinquênio de 1944 a 1948, até o centro da Lagoa do Sebastião, fechando neste ponto o perímetro territorial do referido Município.

PARAGRAFO UNICO — De acordo com os limites acima, o povoado de Santa Teresinha (Mutuca) e suas imediações fica localizado no distrito do Poço.

ART. 3º — A Vila de Sanharó fica elevada à categoria de cidade e como tal, sede do Município, criado pela presente lei.

ART. 4º — O Governo do Estado providenciará, na forma estabelecida pelo art. 6º, § único, da lei nº 31, de 6 — 11 — 35, revigorada pela Lei nº 26, de 21 — 11 — 47, para a fixação da quota proporcional de responsabilidade do Município de Sanharó pelas dividas e obrigações do Município de Pesqueira de que se desmembrou.

ART. 5º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em 24 de dezembro de 1948.

as) Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho

Dirceu Ferreira Borges

LEI Nº 376, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1948

Concede aos Oficiais do Registro Civil dos Distritos do Interior a faculdade de reconhecer firmas e de lavrar procurações e escrituras.

O Governador do Estado de Pernambuco :

Faço saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte lei :

ARTIGO UNICO — Aos Oficiais do Registro Civil dos Distritos do Interior, desde que não exista tabelionato distrital, é facultada a atribuição de reconhecer firmas e de lavrar procurações, e aos que já tenham exercido o ofício de tabelião também a de lavrar escrituras até o valor de dez mil cruzei-

ros (Cr\$ 10.000,00), revogando-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em 24 de dezembro de 1948.

as) Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho

Dirceu Ferreira Borges

LEI Nº 377, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1948

Cria o Município de LAJEDO.

O Governador do Estado de Pernambuco :

Faço saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte resolução :

ART. 1º — É criado o Município de LAJEDO com os mesmos limites do distrito de igual nome.

ART. 2º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em 24 de dezembro de 1948.

as) Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho

Dirceu Ferreira Borges

LEI Nº 378, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1948

Dá à atual vila de Maricota, sede do 2º distrito do município do Paulista, a denominação de "Abreu e Lima".

O Governador do Estado de Pernambuco :

Faço saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei :

ART. 1º — A atual vila de Maricota, sede do 2º distrito do Município do Paulista, passa a denominar-se "Abreu e Lima", em homenagem a um dos seus chefes da Revolução Praieira.

ART. 2º — A presente lei entrará em vigor no dia 1º do janeiro de 1949.

ART. 3º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em 24 de dezembro de 1948.

as) Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho

Dirceu Ferreira Borges

LEI Nº 329, DE 24 DE DEZEMBRO DE 1948

Autoriza o Governador do Estado a abrir um crédito especial de Cr\$ 20.000,00 para auxílio à Prefeitura dos Afogados da Ingazeira.

O Governador do Estado de Pernambuco :

Faço saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte resolução :

ART. 1º — Fica autorizado o Governador do Estado a abrir um crédito especial de vinte mil cruzeiros (Cr\$ 20.000,00) para auxílio à Prefeitura Municipal dos Afogados da Ingazeira, destinado as despesas com as festividades a se realizarem ali em regozijo à inauguração dos serviços da Estrada de Ferro Central do Estado.

ART. 2º — A despesa correrá pelos saldos orçamentários do exercício em curso, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em 24 de dezembro de 1948.

as) Barbosa Lima Sobrinho

Miguel Arrais Alencar

POEMA: A ÁRVORE DA PAZ

A Árvore da Paz

{ Dedicado ao Dr. Antonio Dourado
{ Criador e Benfeitor do Município
{ de Cayado - Pernambuco.
em 18-10-1976.

Maria Augusta Godoy Leite

Na região semi-árida do agreste,
Numa esplanada de areia branca,
Recanto solitário do nordeste
Onde vivia um povo de alma fraca,
Triste, desolado,
Oprimido e desprezado.
Em cada semblante,
Em cada ser, havia
A marca da agonia,
Da moléstia que ali era constante.

Naquele pobre solo abandonado,
Parecia que a própria natureza
Ainda não houvesse despertado,
Era um eterno poema de tristeza!

Deus, ...
Causa primária de toda criação,
Criador do bem que não fenice,
Deus que tudo vê, se compadec
E transforma de repente a região.

Surgiu, em meio da vegetação
Uma árvore frondosa, tão amiga
Como se fora uma árvore antiga.

Cobria com seus ramos,
Arbusto e pequenos arvoredos
"Dourados" aos raios de um sol ardente
Agasalhando em seu seio o passarinho

Abrigando em sua sombrinha, toda gente
Por que, esta árvore era diferente?
Aquele pobre povo tão sofrido
Encontrando a Árvore Benfazeja
Fizeram-na, o seu culto,
A sua Igreja.

Esta árvore cobria-se de flores,
Remédio para os males do seu povo,
Curou suas doenças, suas dores,
Afastou dali o mal, tudo era novo!

Árvore, emblema da caridade!

Enquanto tem buscado a humanidade;

Os seus filhos, a fome saciada

Daquele que chegou que a buscava.

Ora curvado do maior amante,

Ocolhido do pobre piadante.

Sua grande sempre perde, ataraxia;

Olhada-se impudente para os seus

Como querendo saciar-se: o Deus!

Que se tem esta gélida hospitalidade;

Do progresso nunca de cada dia;

Acabou o sofrimento,

Sede e paz é o que!

De longe eram atraídas, forasteiras

Que redobrou fomes, proteções,

Procurando vir-se a aquela gente

Pagando, o amor com gratidão.

Depois... aparecem os benfazeiros

Amplios, famintos, desgracados;

Que tiraram da mata e sem sustento,
 Quando sem pouxada, desparadas.
 Só a senhora da Divina achava a vida,
 Dos seus filhos tiravam o alimento,
 Naquela hora bem, achavam a vida,
 Naquela hora amigo, uma merada.
 Quando melhor lhes achava a sorte,
 Quando julgavam já ser gente forte,
 Entendendo a Divina desatender...
 Com um talis lema: Que os meus namora
 Os seus machados brancos aliados,
 Fabricados na loja da côrte,
 Entocados para a granma maieira,
 Aquela que, por seus abençoada,
 Porque toda a vida que dá bem, just
 Vive para, jamais para contada,
 Ela, o umbelura do bem, da caridade,

• Dem a luta, ai deiza, sacrificio e guerra,
• É a gente a claudar na sua terra:

• Qual o teu simbolo, lenhador machado?
• O teu simbolo, infiel, é o machado.
• Tu corta, que destrói, que esfacela:
• As pelhas árvores...
• "Vencedoras da idade e da procela."

• É o povo fiel, agradecido,
• Lutava pela sua benfitora
• Contando com a força salvadora
• Mostrava a vitória para os vencidos.

• Vai lenhador ingrato, incapaz,
• Machadete cruel e implacável,
• Corta a lenha ^{morta} (cui arca) imprestável
• E deixa a nossa "Árvore da Paz".

• Tira a mascara da "Renovação":
• Tu não sabes renovar, sabes cortar,
• Fazer destruição!

Esta Árvore, como a Árvore da Serenidade,
Possui um' alma, a alma do seu povo;
Ela, nos dará tudo de novo.

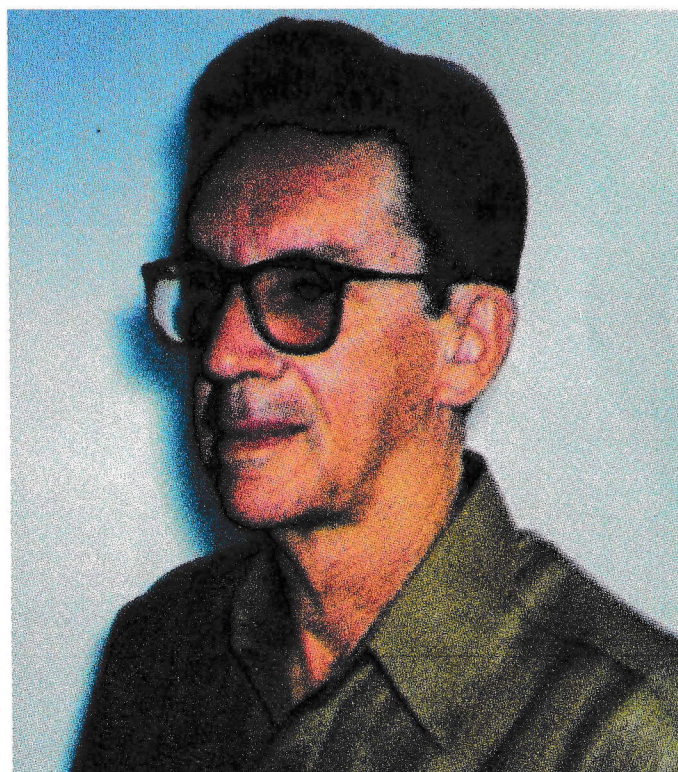
Suas raízes pincaram-se no solo,
Os seus frutos sazonados,
Já caíram em Terra,
Sua semente germinou,
Seus rebentos sadia a paz encerrada.
Floriu, cresceu,
Como a pelha "Bráquina", continua
Levando avante o berço em que nasceu.

Os vencidos, lamentam a sua luta inglória,
Hoje cantamos o hino da vitória!

Lembrando "Pelhas Árvore", do poeta:

Emvelheamos pindo, emvelheamos
Como as árvores fortes emvelheceu,
Agasalhando os passaros nos galhos,
Dando sombra e consolo aos que
padeceem!

Fotos



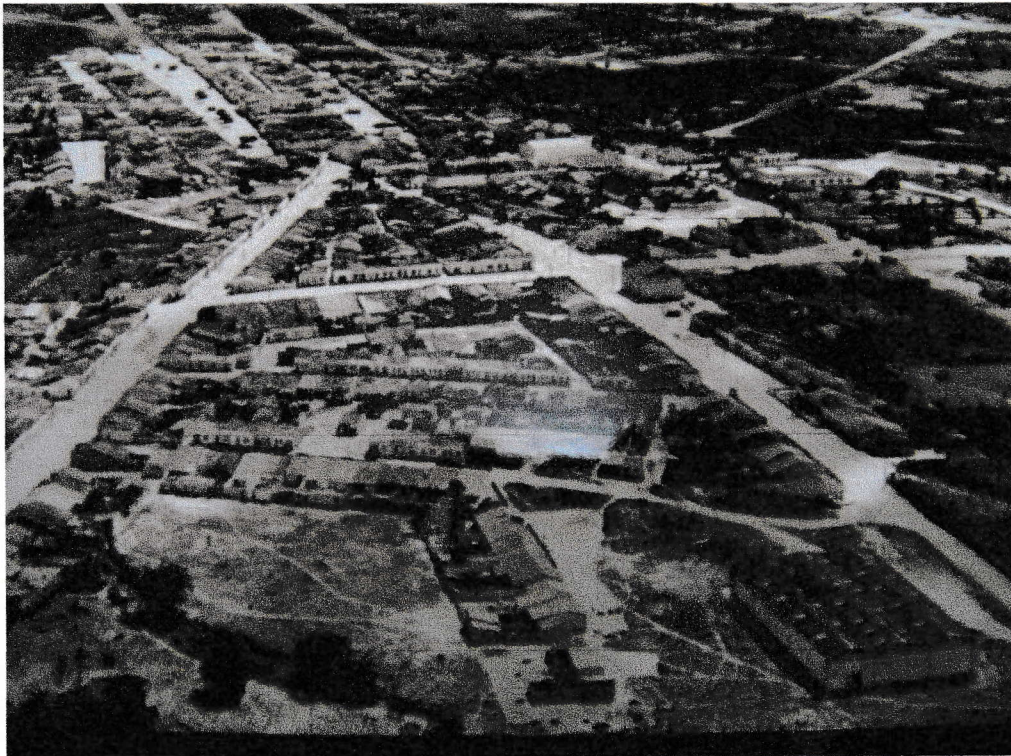
Entrevistado: Sr. Antônio de Oliveira e Silva



Entrevistada: Sra. Lindalva Gomes de Melo



Vista aérea da cidade Lajedo na década de 50. Acervo do Sr. Waldir



Vista aérea da cidade Lajedo na década de 50. Acervo do Sr. Waldir



Vista aérea da cidade Lajedo na década de 50. Acervo do Sr. Waldir



Fotografia tirada da torre da matriz de Santo Antônio, mostrando ao fundo a igreja do socorro e o bairro de mesmo nome na década de 50. Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



Antiga matriz de Santo Antônio. Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



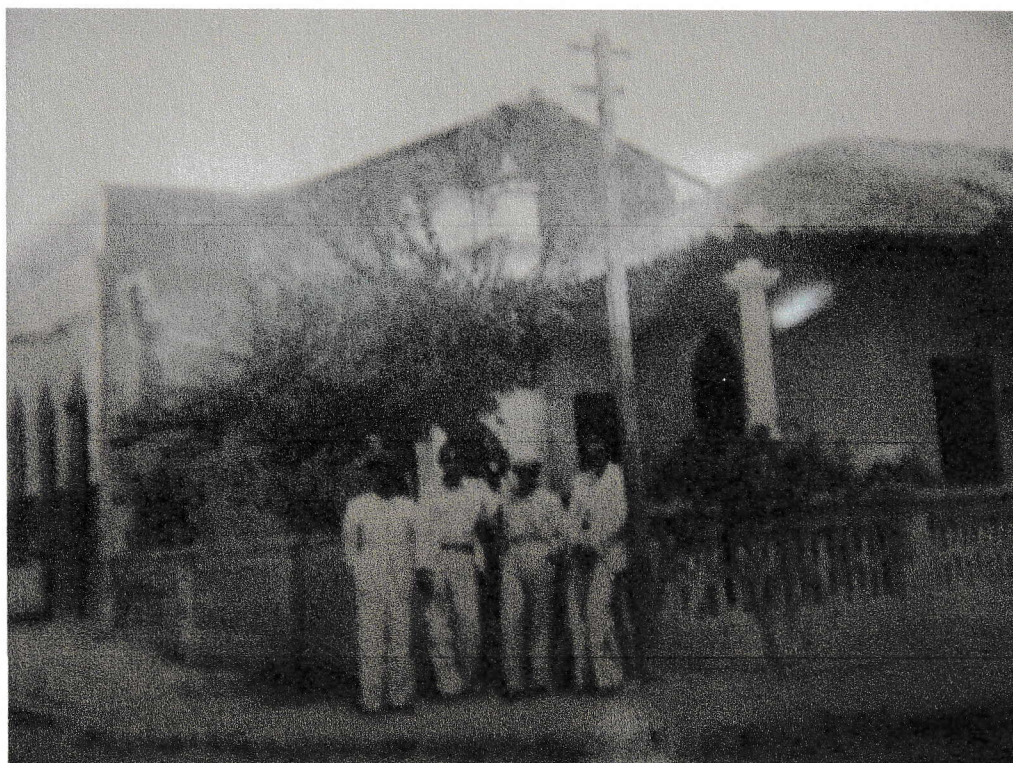
Rua do Socorro na década de 50. Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



Antiga Rua Nereu Guerra, atual Rua Barão Cazuza, atualmente neste terreno baldio se encontra construída a Prefeitura Municipal. Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



Praça Cecília Vilaça (praça do socorro) na década de 50. Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



Moradores da cidade, vê-se ao fundo do lado esquerdo, o primeiro estúdio de fotografias de Lajedo, popularmente conhecido como “foto de Deda”, na década de 50. Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



Clube Diversional de Lajedo na década de 50, note-se que na placa o nome diversional se entra sem o “s”, passou-se muito tempo para que fosse consertado, este prédio foi demolida para a construção do posto da GAPEL.



Bar imperial na década de 50, apesar do nome bar, ele era bar, posto de gasolina, mercearia, armazém de compra de cereais, ficava na atual rua Barão de Cazuza, hoje um ponto comercial . Acervo do Sr. Waldir Cordeiro.



Simpliciano Cardoso. Acervo da Sra. Lindalva Gomes.



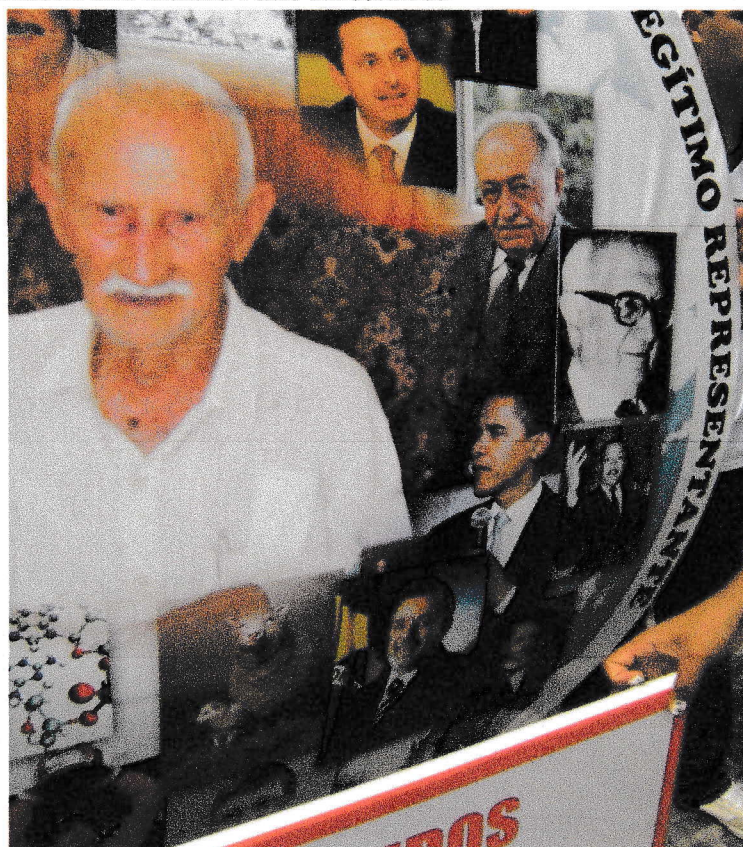
Casa do primeiro prefeito, o Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral, vê-se ao lado direito, o armazém de duas portas, onde o Sr. Guilhermino guardava suas ferramentas e a safra de sua lavoura e onde foi instalada a primeira prefeitura. Atualmente o local é um centro cultural e café cultural, mantido pelos descendentes do Sr. Guilhermino. Fotografia retirada do Jornal “O Jornal” de maio de 2010.



Foto da família Vilaça, do lado esquerdo sentado se encontra o Sr. Antônio Vilaça. Acervo da família Vilaça.



Desfile de 19 de maio de 2009. Onde vê-se o Colégio Municipal homenageando o Sr. Antônio Dourado pelos 100 anos de vida. Fotografia de Moura Kleberon dos Santos . Em 19/05/2009



Desfile de 19 de maio de 2009. Onde vê-se o Colégio Municipal homenageando o Sr. Antônio Dourado pelos 100 anos de vida. Fotografia de Moura Kleberon dos Santos . Em 19/05/2009



Desfile de 19 de maio de 2009. Onde vê-se o Colégio Municipal homenageando o Sr. Antônio Dourado pelos 100 anos de vida. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos . Em 19/05/2009



Desfile de 19 de maio de 2009. Onde vê-se o Colégio Municipal homenageando o Sr. Antônio Dourado pelos 100 anos de vida. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos . Em 19/05/2009